
A constituição passiva de Gustave Flaubert em *L'Idiot de la famille* ou da
maternagem insuficiente de Caroline Fleuriot Flaubert

*Gustave Flaubert's passive constitution in L'Idiot de la famille or Caroline
Fleuriot Flaubert's insufficient mothering*

DOI:10.12957/ek.2023.72603

Gustavo Fujiwara¹

Universidade Federal de São Carlos

fujiiwaragustavo@gmail.com

http://orcid.org/0000-0002-3971-9632

RESUMO

O objetivo do presente artigo é perscrutar a tese sartreana da constituição passiva do escritor francês pós-romântico Gustave Flaubert através de algumas passagens da primeira parte “La Constitution”, do primeiro tomo da última grande obra de Sartre, *L'Idiot de la famille*. Dando especial enfoque à tese de Sartre segundo a qual a relação entre a mãe e o lactente é fundamental para o vir a ser ativo ou passivo deste, mostraremos como o filósofo francês está muito próximo de algumas teses propaladas pelo psicanalista e pediatra inglês Donald Wood Winnicott. Assim, partindo da maternagem insuficiente da mãe de Flaubert, veremos como a criança, constituída passivamente, é incapaz de adentrar no universo comunicativo da linguagem. Ao fim e ao cabo, tentaremos responder à seguinte questão: a filosofia de Sartre, mobilizando a constituição a partir da pré-história e da proto-história de um indivíduo, não incorreria em um tipo de determinismo avesso à liberdade?

Palavras-chave: Biografia existencial. Constituição. Existencialismo. Maternagem.

ABSTRACT

The aim of this paper is to scrutinize the Sartrean thesis of the passive constitution of the post-romantic French writer Gustave Flaubert through some passages of the first part “La Constitution” from the first volume of Sartre's last great work, *L'Idiot de la*

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (2018), com período sanduíche na Université Paris VIII (2016). Possui graduação (2007) e mestrado (2014) em Filosofia.

famille. Giving special focus to Sartre's thesis according to which the relationship between mother and infant is fundamental for the latter's active or passive becoming, we will show how the French philosopher is very close to some theses propounded by the English psychoanalyst and pediatrician Donald Wood Winnicott. Thus, starting from the insufficient mothering of Flaubert's mother, we will see how the child, passively constituted, is unable to enter the communicative universe of language. In the end, we will try to answer the following question: doesn't Sartre's philosophy, by mobilizing the constitution from prehistory and protohistory of an individual, incur in a kind of determinism averse to freedom?

Keywords: Existential biography. Constitution. Existentialism. Motherhood.

I – *Entrée en matière*

Ao longo das quase setecentas páginas da primeira parte de *IF*, “La Constitution”, Sartre reconstrói a pré-história e a proto-história² de Flaubert no seio de seu grupo familiar para dilucidar *o grau zero da existência* do escritor pós-romântico e tentar explicar o que Gustave chamava de “indizável” (*indisable*³). Na interpretação sartreana, o “indizável”, igualmente *o grau zero da escrita* de Flaubert, será a linguagem no vazio, “ausência flagrante de expressão, impotência à fala. De fato, a fala proferida portará sempre a marca desta impossibilidade, pois Flaubert a associa à inação” (SICARD, 1976, p. 63). Este “indizável”, núcleo duro do vivido flaubertiano, “cena primitiva” de sua existência, será a expressão de uma “ferida profunda” relatada pelo escritor à Mademoiselle Leroyer de Chantepie em carta de 6 de outubro de 1864⁴, e que Sartre, erigindo-a como fio condutor existencial para as suas análises antropológico-biográficas, lastreará à constituição passiva de Flaubert:

(...) a constituição passiva de Gustave provocou incidências desafortunadas em sua inserção no universo da linguagem (...). Para ele, a linguagem permanece o instrumento principal mas, por não ter sido iniciado desde o

² Como salienta Barnes (1981, p. 24): “Sartre afirma que a constituição da criança é formada a partir da influência de sua pré-história e de sua proto-história. A pré-história inclui a estrutura objetiva da família na qual a criança nasceu – a característica e a situação social dos pais, o número, a idade e o sexo dos irmãos. A proto-história se refere aos eventos iniciais – verdadeira ou falsamente interpretados pela criança – com os quais ela lentamente constrói o que poderíamos chamar de o começo de sua biografia, sua história propriamente dita. Isso inclui a relação pré-verbal com os pais, especialmente com a mãe”.

³ “Flaubert fala constantemente do ‘indizável’. Talvez a palavra fosse, na sua época, um regionalismo, mas ela não é, em todo caso, a palavra normal, que seria indizível (*indicible*). O ‘indizável’, no entanto, era algo de muito preciso para Flaubert” (SARTRE, 1987, p. 111).

⁴ “É à força de trabalho que consigo calar minha melancolia nativa. Mas o velho fundo muitas vezes reaparece, o velho fundo que ninguém conhece, a ferida profunda sempre escondida” (FLAUBERT apud SARTRE, 2017, p. 4).

berço às inumeráveis figuras da troca, uma distância ínfima e intransponível o separa sempre de seus interlocutores; ele mantém seu pathos por incomunicável e, sobretudo, ignora que toda fala (*parole*) é um direito sobre o Outro, que toda frase, mesmo puramente informativa, insere-se como questão, recusa etc., na interminável comunicação que os homens realizam há milênios (...) (SARTRE, 2017, p. 708).

Constituído passivamente, Flaubert será incapaz de apreender e ultrapassar a linguagem rumo à “interminável comunicação que os homens realizam há milênios”, de modo que, figurando como um caso ímpar de anomalia da linguagem/mal estar verbal, “ninguém percebe que ele não fala, mas que *ele é falado*” (SARTRE, 2017, p. 44)⁵. Nesta ótica, portanto, “La Constitution” é o “ponto de todos os pontos” da reconstituição sartreana de Flaubert, pois a “cena primitiva”, como constituição passiva sofrida por Gustave, será vivida por ele em sua personalização e, mesmo ultrapassada, não deixará de estar conservada como seu “núcleo duro”, afinal, “uma vida se desenrola em espirais; ela passa sempre pelos mesmos pontos, mas em níveis diferentes de integração e de complexidade” (SARTRE, 1972a, p. 71); daí, por conseguinte, o sentido do primeiro parágrafo da segunda parte, “La Personnalisation”, de *IF*:

Assim é Gustave. Assim o constituíram. E, sem dúvida, nenhuma determinação é impressa em um ser vivo sem que ele a possa ultrapassar como sua maneira de vivê-la. No pequeno Flaubert, a atividade passiva e o voo à vela (*vol à voile*) são *sua maneira de viver* a passividade constituída: o ressentimento é sua *maneira de viver* a situação que lhe é atribuída dentro da família Flaubert. Em outros termos, as estruturas desta família são interiorizadas em atitudes e exteriorizadas em práticas por meio das quais a criança se faz ser o que fizeram dela. Inversamente, não encontraremos nele nenhuma conduta, por mais elaborada e complexa que ela possa ser, que não seja originalmente a superação de uma determinação interiorizada (SARTRE, 2017, p. 693).

Em linhas gerais, o indivíduo é um processo constante de totalização, destotalização e (re)totalização que ultrapassa-conserva as situações vivenciadas: a “retotalização pode ser operada de uma infinidade de maneiras, variando com os indivíduos e, no mesmo indivíduo, variando com a idade ou com a conjuntura” (SARTRE, 2017, p.694); todavia, é preciso compreender, de fato, que ela depende

⁵ “(...) a linguagem oral já é, na maior parte dos casos, uma *atividade*. Na maior parte dos casos, mas não no caso de Gustave (...): as palavras vêm dos adultos, entram nele pela orelha e o designam como um certo objeto incomensurável com o fluxo inerte do vivido. Bem entendido, ele não pode ser falado a não ser que ele fale, a não ser que ele *se* fale: é preciso, apesar de tudo, que o aprendizado da fala seja uma *práxis*; mas a passividade interiorizada da criança não lhe dá instrumentos que lhe permitam *reconhecer* esta *práxis*” (SARTRE, 2017, p. 382).

(...) dialeticamente da totalização anterior e presentemente destotalizada (ou ameaçada de sê-lo): esta, sendo fortemente estruturada – mesmo depois do esgotamento ou da introdução de um corpo estranho –, se coloca como questão singular à uma atividade sintética que, não sendo outra coisa senão a ultrapassagem do conjunto destotalizado, só pode compreender e resolver os problemas enquanto for orientada e limitada pela totalidade concreta das determinações que ela conserva em si (SARTRE, 2017, p. 694).

Eis aí, em tradução dialético-existencial, a importância da primeira parte, “La Constitution”, para a segunda parte, “La Personnalisation”, de *IF*: nesta segunda parte, inquirir-se-á o modo como a criança/adolescente Flaubert totaliza, destotaliza e (re)totaliza o condicionamento passivo de que fora alvo em sua pré e proto-história a partir de uma irrealização de si como conduta “pré-neurótica” que, numa crescente de contradições que vão se totalizando, finda no famoso incidente de Pont-l’Évêque em uma noite de janeiro de 1844: entre 1838 e o referido ataque,

Flaubert é abalado e depois abatido por uma crise que eu chamarei, por não dispor ainda de denominações precisas, psicossomática. Muitos autores admitem que Gustave esteve sujeito, durante este período, a perturbações mal definidas que inquietaram sua família, mas eles não veem ali a não ser manifestações descontínuas, separadas uma das outras por anos “normais”. Tentaremos estabelecer que se trata de um único e inflexível processo que não cessa de se organizar, de se enriquecer e de se aprofundar até tornar inevitável a desintegração de janeiro de 1844. Eu diria mesmo que esta crise – que não lhe dá nenhum descanso – é um organismo temporal, um movimento orientado que não cessa de fermentar, de colocar e recolocar em perspectiva as contradições de Gustave, até que ele, caindo aos pés de seu irmã, nos descubra e se descubra a intencionalidade fundamental de sua neurose. Proponho-me também demonstrar que essa doença, longe de ser simplesmente sofrida, é o objeto de uma opção passiva e que Flaubert se faz, à medida que ele é feito pela situação e pelos eventos (SARTRE, 1971, p. 1467).

Este excerto, pinçado do segundo Tomo, livro III, “La prénévrose”, da primeira parte, “Du poète à l’artiste”, endossa, além do fato de Sartre compreender o indivíduo como um processo de totalização em curso, a importância da primeira parte do primeiro Tomo de *IF*. Localizar o “ponto de todos os pontos” da vivência espiralada de Gustave é uma condição *sine qua non* para todas as demais análises que serão realizadas depois. Ponto nodal, poderíamos resumir “La Constitution” em três grandes movimentos: **I**) descobrir a “cena primitiva” da criança Flaubert e restituir a história de sua família através da descrição psicanalítico-sociológico-histórica do pai, da mãe e do irmão mais velho (tudo isso compreende, respectivamente, o primeiro capítulo, “Un problème” (pp. 6-58), o segundo, “Le père” (pp. 59-80), o terceiro, “La mère” (pp. 81-103), e o quarto, “Le frère aîné” (pp. 104-132); **II**) depois de formular o problema à luz da “cena

primitiva” e restituir a história dos demais membros da família, Sartre passa propriamente à constituição passiva de Flaubert através da fria e mecânica maternagem da mãe e, depois, à relação de Flaubert com o Pai que, incarnando o Senhor feudal, faz da criança um vassalo (estas duas partes correspondem, respectivamente, ao capítulo V, “Naissance d’un cadet” (pp. 133-185) e ao capítulo VI, “Père et fils” (pp. 186-479); **III**) para concluir todo este percurso, o último capítulo, “Les deux idéologies” (pp. 480-690), volta-se para o modo como as ideologias do pai e da mãe, respectivamente, o cientificismo e a fé, são transmitidas aos filhos que, no caso de Gustave, serão vividas contraditoriamente e não desaguaram senão na famosa idiotice flaubertiana (*la bêtise*). Aqui, nós iremos privilegiar o primeiro e o quinto capítulo, pois ambos são fundamentais em relação ao tema sartreano da constituição do sujeito através da maternagem.

II - Gustave não seria o idiota da família? Ou: “*la parole n’est pas son langage*”

No primeiro capítulo, Sartre introduz o que julga ser uma das faturas fundamentais da “cena primitiva” da criança, isto é, a sua má inserção no universo comunicativo da linguagem; má inserção relatada pela sobrinha do futuro romancista, Caroline Commanville⁶, em “Souvenirs intimes”:

Minha avó tinha ensinado seu filho mais velho a ler, ela queria fazer o mesmo pelo segundo filho e começou a ensiná-lo. A pequena Caroline ao lado de Gustave aprendeu imediatamente, mas ele não conseguia aprender, e depois de ter se esforçado muito para compreender esses signos que não lhe diziam nada, ele começava a chorar muito. No entanto, ele era ávido em conhecer e seu cérebro trabalhava. (...) Nas cenas suscitadas pela dificuldade em aprender a ler, o último argumento, irrefutável para ele, era: “Por que aprender, se papa Mignot⁷ lê?”. Mas a idade de entrar no colégio chegava; ele ia fazer nove anos, ela necessário, com todas as forças, saber ler (...). Gustave se dedicou resolutamente à tarefa e em alguns meses alcançou as crianças de sua idade. (COMMANVILLE, 1926, p. XI).

Eis o problema que servirá de fio condutor às investigações biográfico-antropológico-existenciais da primeira parte de *L'Idiot*: por qual razão aquela criança, que mais tarde iria se tornar o autor de *Madame Bovary*, não sabia ler, segundo relatado por sua sobrinha, até os nove anos de idade? A memória íntima de Caroline, elencada

⁶ Na família de Gustave existiram três mulheres chamadas Caroline: a primeira, sua mãe, Caroline Flaubert, a segunda, sua irmã, que tinha o mesmo nome que a mãe até casar-se e mudar seu sobrenome para Hamard, e a terceira, sua sobrinha, Caroline Commanville.

⁷ Trata-se do avô do primeiro melhor amigo de infância de Gustave, Ernest Chevalier.

como relato que inaugura as inquições sartreanas, deve ser colocada à prova: por que Caroline mostra-nos um Gustave ávido pelo conhecimento (seu cérebro trabalhava) e logo depois, mudando de tom, uma criança teimosa usando o “papa Mignot” como desculpa para não aprender a ler? Tratar-se-ia da mesma criança? Para Sartre, a resposta é positiva: “a primeira atitude é provocada por uma constatação feita por ele mesmo: adversidade das coisas, incapacidade de sua pessoa. O *Outro* está presente, sem dúvida: é a testemunha, é o meio opressor, é a exigência” (SARTRE, 2017, p. 7). Este Outro diz respeito aos pais de Flaubert que, tentando alfabetizar o filho, passam da paciência, depois à aflição e à censura: “no início, culpam a natureza e mais tarde acusam o pequeno de má vontade” (SARTRE, 2017, p. 7). Incapaz de ler, Gustave exaspera os anseios e expectativas dos pais e, na interpretação sartreana, passa a ser oprimido por eles; “uma violência foi cometida contra o menino” (SARTRE, 2017, p. 7), violência que Sartre localiza no relato de Caroline quando esta afirma que seu tio e sua mãe, então quatro anos mais nova que ele, aprenderam a ler juntos e que ela, ao contrário dele, teria aprendido imediatamente o alfabeto. Sartre deve investigar a veracidade do relato, pois, supondo que Gustave tinha por volta de cinco anos quando sua mãe começou a ensiná-lo a ler, sua irmã, que “esteva” ao seu lado nas aulas, não teria senão treze ou quatorze meses de vida; teria ela assistido às lições do berço? Sartre desnuda o relato da sobrinha da seguinte maneira:

Os três filhos de Achilles-Cléophas, cada um por sua vez, tiveram aulas particulares com a sra. Flaubert, o segundo nove anos depois que o mais velho aprendeu a ler, a terceira quatro anos depois que o segundo foi iniciado. No entanto, a sra. Commanville sem intimidar-se com esses grandes intervalos, convoca no mesmo parágrafo os dois tios e a mãe. Por que, visto que não estudaram juntos? Leia-se bem: a sra. Flaubert fez-se professora do brilhante Achille; com Gustave, ela retoma a experiência. Porque seus êxitos iniciais a haviam convencido de seus dons pedagógicos: Achille deve ter sido uma criança prodígio. E Caroline, a última a vir, mãe da narradora, aprender brincando. Gustave está encurralado entre duas maravilhas: inferior tanto a esta quanto àquele, ele faz feio. Como se a sra. Commanville tivesse se lançado a essa comparação – que não se impunha – para lembrar ao público que as deficiências do futuro escritor eram largamente compensadas pela excelência das duas outras crianças (SARTRE, 2017, p. 8).

O problema da alfabetização de Gustave parece ser tanto mais agudo no seio da família Flaubert, pois sua sobrinha, mesmo não tendo vivenciado tais fatos, fizera questão de comparar, meio século depois, as três crianças: “se nem mesmo essa senhora (...) consegue impedir-se de comparar as três crianças, não é difícil imaginar o que

Gustave deve ter ouvido, entre 1827 e 1830” (SARTRE, 2017, p. 8). Conclusão: a persistência no relato e na comparação da sra. Commanville é indicativa do grau de tensão que paira por sobre o ambiente familiar em relação às dificuldades de Gustave, uma tensão que, transmitida para a sobrinha através de sua avó, a mãe de Gustave, fez com a sra. Commanville afirmasse que o tio não aprendera a ler senão por volta dos nove anos de idade quando, ao contrário, temos uma carta dele para seu amigo Ernest Chevalier datada de 31 de dezembro de 1830, logo, quando a criança tinha nove anos de idade e na qual podemos constatar “frases concisas e densas, verdadeiras; a ortografia é um pouco fantasiosa: não mais do que deve. Sem dúvida alguma, o autor tem domínio de seus gestos gráficos. Além disso, ele propõe ao amigo (...) ‘enviar-lhe suas comédias⁸’; donde a conclusão, “pensávamos encontrar um antigo idiota, recém saído das brumas: esbarramos em um homem de letras” (SARTRE, 2017, p. 9). Nesta lida, o relato da sobrinha acerca do tio-criança reverbera, na ótica sartreana, a repreensão que Gustave sofrera por não ter aprendido a ler com a mesma idade do irmão mais velho e da irmã mais nova. Para Sartre, Gustave teria aprendido a ler/escrever por volta dos sete ou oito anos de idade, afinal, “analfabeto aos nove anos, a criança teria sido grave e demasiadamente afetada para que seu *sprint* final fosse sequer concebível. Gustave aprendeu a ler em 1828 ou 1829, ou seja, entre os sete e os oito anos” (SARTRE, 2017, p. 9). Mas como quer que tenha sido, Gustave era retardatário em relação aos dois irmãos e às crianças da mesma idade. Supostamente analfabeto entre sete e oito anos, a criança, todavia, exercitava sua imaginação a partir das leituras que o “papa Mignot” fazia para ele:

Uma criança que cedo se personifica em Dom Quixote instala em si mesma, de modo inconsciente, o princípio geral de todas as personificações: ela sabe encontrar-se na vida de um outro, viver como um outro sua própria vida. Nada disso, infelizmente, era visível. O resultado, transparências novas, clarões da alma, reflexos, era de natureza a multiplicar o número de seus estupores: em todo caso, não os reduzia. A sra. Flaubert nada soube desses seus exercícios. E a dúvida começou a nascer: Gustave não será um idiota? (SARTRE, 2017, p. 10).

O excerto em tela não faz senão revolver o que a própria sobrinha de Gustave, sempre em “Souvenirs intimes”, relata-nos: a criança, tal como Caroline Commanville havia sido informada pela avó, “era de uma natureza tranquila, meditativa e de uma

⁸ “Também irei enviar-te (a ortografia está incorreta e no lugar de “je t’en enverrai”, Gustave escreve “je t’en veirait”) minhas comédias. Caso tu queiras associar-se para escrever-me, escreverei comédias e você escreverá seus sonhos” (FLAUBERT, 1926, p. 1).

ingenuidade cujos vestígios conservou por toda a vida. (...), ele ficava por longas horas com um dedo na boca, absorto, o ar quase bestial” (COMMANVILLE, 1926, p. X). A ingenuidade da criança transparecia, por exemplo, quando o funcionário da casa dos Flaubert, Pierre, divertia-se a suas custas ao mandar que Gustave fosse procurá-lo na cozinha, “e o menino ia interrogar a cozinheira: ‘Pierre me disse para vir ver se ele estava aqui’. Ele não entendia que queriam enganá-lo e, diante dos risos, mantinha-se sonhador, entrevendo um mistério” (COMMANVILLE, 1926, p. XI). Para Sartre, que detém o segredo da constituição (passiva) de Gustave, o relato bem-humorado da sobrinha disfarça que Gustave, na verdade, “era um pobre de espírito, de uma inverossímil credulidade patológica; caía com frequência em longos torpores, seus pais perscrutavam seu rosto e temiam que fosse idiota” (SARTRE, 2017, p. 10). Tais relatos acerca da vida infantil de Flaubert, tendo sido escritos pela sobrinha à luz das confissões da avó, não poderiam estar senão revestidos por um bom-humor de fachada, pois, na interpretação sartreana, a mãe de Gustave não o amava verdadeiramente:

(...) ela nunca acreditou no gênio, nem mesmo no talento do filho. Em primeiro lugar, essas palavras não tinham sentido para ela: viúva de um homem de grande inteligência, somente os inteligentes tinham direito à sua estima; prática, ela só reconhecia o talento dos homens capazes e tidos como tais, pois a capacidade lhes permitia vender seus serviços ao mais alto preço. Nessas condições, devia prezar mais o primogênito que o filho mais novo. É o que fazia, provavelmente, sem amá-lo demais. Seu coração pendia para o outro (...). (...) A sra. Flaubert foi uma mãe abusiva porque era uma viúva abusada: ela exacerbou “a irritabilidade” do filho mais novo ao endossar, por piedade, todos os julgamentos que o Esposo adorável havia feito sobre ele. Caroline foi sua confidente (SARTRE, 2017, pp. 10-11).

Antes de analisarmos mais a fundo quem era os pais de Flaubert, pois já sabemos que ambos são responsáveis por sua constituição passiva, vejamos um pouco mais o modo conturbado com que a criança adentra no universo da linguagem. Para esta lida, Sartre dividirá aqui suas análises em dois momentos: o primeiro momento, analítico-regressivo, buscará estabelecer o que falta à criança dada a sua completa e patológica ingenuidade; o segundo momento, sintético-progressivo, deverá encontrar o porquê desta carência. A ingenuidade do pequeno Flaubert está diretamente ligada à sua relação com a linguagem, afinal de contas, é através dela que o funcionário da casa e os demais adultos “pregam-lhe peças⁹” que, dada a sua passividade, irão marcá-lo:

⁹ “Davam-lhe, para rir, informações falsas mais prováveis: que seus camaradas de jogo não tinham chegado – quando eles o esperavam atrás da porta; que seu pai tinha partido ‘fazer sua turnê’ sem levá-lo

Todos os pais são brincalhões; enganados desde a infância, seu prazer é enganar os filhos: gentilmente. As pequenas vítimas precisam decifrar os falsos sentimentos que lhe são oferecidos e que elas interiorizam, as falsas informações que serão desmentidas na hora ou no dia seguinte. Essas brincadeiras nem sempre são criminosas: a criança cresce, se liberta pela constatação, olha sem indulgência para os adultos se fazendo de crianças. Ora, Gustave permanece marcado (SARTRE, 2017, p. 13).

Se o prazer dos pais é enganar, *gentilmente*, os filhos, “essas brincadeiras *nem sempre são criminosas*”. O *nem sempre* marca, portanto, que elas podem ser criminosas e, no caso de Gustave, elas de fato o são, uma vez que “a infelicidade do pequeno Gustave está em que algo, nele, impede-o de apreender as palavras como simples signos” (SARTRE, 2017, p. 13). Gustave, caindo todas as vezes nas “armadilhas verbais” dos adultos, dá sinais de que é incapaz de distinguir o peso material do vocábulo, ou seja, “o poder mágico do puro valor significante” (SARTRE, 2017, p. 14); ele decodifica a mensagem, mas não consegue contestar seu conteúdo e uma ideia falsa (“vá ver se não estou na cozinha”, por exemplo) lhe é transmitida pelo verbo, de modo que o sentido se torna matéria que adquire uma consistência inerte: a significação “– essa transcendência que só existe pelo projeto que a tem em vista – e a passividade – puro em-si, peso material do signo – passam uma para a outra: esse par de contrários se interpenetra em vez de se opor” (SARTRE, 2017, p. 14). De acordo com Sartre, o espírito de Gustave se ancilosa diante da palavra, isto é, o sentido não o importa, pois é a materialidade verbal que o fascina: todavia, como o espírito nunca se ancilosa, afinal, a consciência é intencionalidade de ponta a ponta, é nas relações humanas, através do verbo, que ele é atingido desde a primeira infância:

Quando o aparelho sensório-motor está “normalmente” desenvolvido e mesmo assim a resposta da criança à mensagem é “anormal”, o transtorno tem origem no difícil nível em que todo discurso é um homem, em que todo homem é discurso, ele supõe uma má inserção da criança no universo linguístico, o que equivale dizer: no mundo social, *em sua família* (SARTRE, 2017, p. 15).

A má inserção de Gustave no universo linguístico pressupõe uma anomalia em detrimento do uso “normal” e comunicacional da linguagem falada¹⁰, e que Sartre teoriza da seguinte maneira: normalmente, a linguagem do locutor se dissolve no

– quando o médico-chefe estava atrás dele, pronto para pegá-lo e conduzi-lo na carruola” (SARTRE, 2017, p. 13).

¹⁰ Afinal, “em seu caso, a dificuldade de aprender a ler vem de um problema geral e mais antigo, a dificuldade de falar” (SARTRE, 2017, p. 22).

espírito do ouvinte, fazendo com que reste um esquema conceitual e verbal que preside a reconstituição e a compreensão. Esta compreensão, por sua vez, é da ordem de um “pacto pessoal” à medida que o ouvinte, “quando recita, não faz mais que emprestar sua voz a um objeto transcendente que se torna realidade através dela e alça voo rumo a novas glotes; quando *compreende*, ele refaz *por conta própria* o caminho já percorrido” e, no final, “o ato é seu por completo, embora a realidade compreendida possa ser uma noção universal” (SARTRE, 2017, p. 15). A compreensão da mensagem verbal irá então definir uma série de expressões verbais e se fazer regra *a priori* para que o ouvinte escolha, entre tais séries, a mais propícia em cada circunstância e de acordo com cada interlocutor, assim, “uma ideia compreendida, sou eu e todo o não-eu, é *minha* subjetividade explodindo e desmoronando no inessencial em proveito do objeto” (SARTRE, 2017, p. 15). Estamos devidamente aclimatados ao universo da linguagem quando somos capazes de transcendê-la rumo ao universo humano da comunicação e “quando o homem é linguagem e quando a linguagem é humana, quando cada palavra que nos lançam (...) ultrapassa-nos em todos os seus laços obscuros com os homens que falam, quando ultrapassamos cada palavra rumo à ideia (...), a ingenuidade não é mais concebível” (SARTRE, 2017, p. 16). A linguagem como instrumento de comunicação, portanto, sou eu mesmo quando estou mais longe, quer dizer, quando estou tensionado em direção ao mundo social e humano que todos participam e instituem através da linguagem comum; e eis aí precisamente o que falta a Gustave Flaubert: “tudo se passa como se, para o pequeno Gustave, a palavra fosse ao mesmo tempo uma significação compreendida – isto é, uma determinação de sua subjetividade – e um poder objetivo” (SARTRE, 2017, p. 17). Tudo se passa como se Gustave não fosse capaz de, a partir de si próprio, ultrapassar o caráter prático-inerte da linguagem, quer dizer, o fato de ela ser um instrumento que, embora forjado pelo Outro, é transcendido por mim. Ora, se “o Outro, em mim, faz minha linguagem, que é minha maneira de ser no Outro” (SARTRE, 2017, p. 16), em Flaubert, *a linguagem não será senão o Outro sem ele* ou, melhor dizendo, *o Outro alienando-o de dentro para fora*, pois sua *práxis* não fora suficientemente desenvolvida:

A constituição passiva de Gustave o mantém muito tempo no estágio da alma falada: sentidos lhe ocorrem, como gostos e cheiros, eles os entende – não por completo, já que não pode retomá-los por sua conta; o que ele apreende, em todo caso, é-lhe dado pelos outros. (...) As frases dos outros se afirmam *nele* mas não *por ele*. Isso é o que chamam de sua credulidade: de fato ele crê

em tudo, isso é nada crer, é apenas crer. Essa credulidade se confunde com o que ele nomeará mais tarde como a sua “crença em nada”. Ele pronuncia frases, no entanto, ele repete palavras ou as mescla como buquês: ele *se afeta* do sentido vago que nelas remanesce. Enquanto não pensam em mostrar-lhe o abecedário, ninguém percebe que ele não fala mas que *é falado*. Porém, assim que precisa aprender a ler, a linguagem se metamorfoseia sob seus olhos: é preciso decompor, recompor segundo regras, afirmar, negar, comunicar; o que precisam ensinar-lhe não é somente o alfabeto, mas, nessa ocasião, a *práxis* para a qual *nada* o preparou: a criança *patética* aborda a *prática*¹¹ e descobre que ele não é feito para ela (SARTRE, 2017, pp. 44-45).

Falado e não *falante*, sem o ensinamento da *práxis* “para a qual nada o preparou”, a criança Flaubert não apreende a integração do locutor à sua fala, se quisermos, o fato de que “(...) a linguagem sou *eu* e *eu* sou a linguagem” (SARTRE, 2017, p. 16). Em Gustave, a palavra não é transmissão de um significante a um referente, mas uma unidade significativa total e autônoma que molda um mundo autístico no qual a realidade e a palavra são sinônimos; em suma, lidamos aqui exatamente com aquilo que Sartre chamava de “infância verbal” ou a palavra como meio para possuir a coisa. Em Flaubert,

O sentido de cada palavra é a inerte unidade de sua matéria, a inerte associação das palavras determina uma contaminação passiva de cada sentido uns pelos outros, um pseudo-pensamento se perpetua em minha cabeça e cuja aparente significação não dissimula a profunda absurdidade (SARTRE, 2017, pp. 656-657).

Gustave é incapaz de atravessar “a homogeneidade linguística e não pode reconhecer nela o caminho que poderia conduzi-lo à sua definição enquanto pessoa. Incapaz de transpor a muralha das palavras, ele não distingue nem o Outro nem o Eu no discurso” e por isso “permanece totalmente exterior ao mundo. A linguagem, sem a função comunicativa, apresenta-se a ele como um muro contra o qual ele colide” (GOLDSCHLAGER, 1986, p. 190). Daí que

(...) a frase não é dissolvida nele, ela não se apaga diante da *coisa dita* ou do falante que a diz: a criança a compreende sem poder assimilá-la. Como se a operação verbal não fosse feita senão pela metade. Como se o sentido – corretamente visto –, no lugar de se fazer esquema conceitual e prático, no lugar de entrar em relação com outros esquemas da mesma espécie, permanecesse aglutinado ao signo. Como se o próprio signo, ao invés de fundir-se com sua imagem interior, guardasse para esta consciência a sua materialidade sonora. Como se (...) a linguagem não fosse ainda, para a criança, senão barulhos que falam (SARTRE, 2017, pp. 17-18).

¹¹ Vejamos que o patético designa “emoção sofrida, interior” e o prático “violências exteriorizadas, tumultos sendo ultrapassados em uma agressão” (SARTRE, 2017, p. 55). Ambas as posições, adiantemos, dizem respeito ao modo como a mãe manipula a criança e responde a seus desejos orgânicos.

Confundindo o signo e a significação, a criança Flaubert permanece prisioneira de um mundo de sons. Se viver é produzir significações, quer dizer, ultrapassar o dado a partir de nossos possíveis, Gustave, assolado por um estranhamento (*estrangement*¹²) ou pela ausência de medida comum entre sua existência subjetiva e o universo das significações, “não produz sentido. Sua vida não se apresenta a seus olhos como um sentido, ele não é, nele mesmo, designado por nada, nem por um nome próprio nem pelo nome geral do que ele prova (SARTRE, 2017, p. 20). A separação entre a existência subjetiva e o universo das significações não poderia senão colocar Flaubert em um estado perpétuo de *representação*; e a heterogeneidade radical entre a vida mental de Gustave e a linguagem está, na ótica sartreana, na origem dos torpores relatados por sua sobrinha, pois, se “sofrer é falar” (SARTRE, 2017, p. 20), a criança, *falada*, é incapaz de se expressar. “O ar quase bestial” é fatura direta de sua má inserção no universo linguístico: suas afecções não se dirigem por si próprias aos outros, elas não são lhe são destinadas, em sua origem, e não visam a se expressar” (SARTRE, 2017, p. 19). E mesmo quando rompe o silêncio inicial, Gustave conserva uma hesitação quanto à precisão de sua expressão e quanto ao controle que pode ter sobre a linguagem, pois “as palavras não designam jamais verdadeiramente a seus olhos o que ele prova, o que ele sente(...). Digamos que ele vê as palavras *de fora*, como coisas, mesmo quando elas estão nele” (SARTRE, 2017, p. 21). Em suma, se é através da linguagem que os homens instituem a sociabilidade, Gustave, incapaz de apreendê-la como instrumento prático de comunicação, permanece sequestrado do mundo social e fechado em si próprio. Ora, na medida em que “o homem é o único animal que não possui equipamento original” (SARTRE, 2017, p. 118), ele deve, para sobreviver, se inscrever nos quadros sociais, mas Gustave, *falado*, será uma “criança selvagem” (SARTRE, 2017, p. 19). No entanto, como todo animal humano não pode viver sem entrar no movimento dialético do significante e do significado, “Gustave, por mais desadaptado que esteja no universo da *expressão*, é signo, significado, significante, significação, à medida em que seus impulsos mais elementares se manifestam através de projetos” (SARTRE, 2017, p. 22).

¹² Este termo é utilizado por Lacan (aliás, o primeiro teórico a ser diretamente citado em *IF*) para traduzir o termo freudiano *Unheimlichkeit*. Caso haja interesse no uso sartreano do termo, bem como na relação Sartre-Lacan, sugerimos o artigo de Cormann, “L’indisable sartrien entre Merleau-Ponty et Lacan”. De todo modo, poderíamos afirmar que “o *estranhamento* é (...) uma distância interior, um desnível no cerne mesmo da intimidade” (CORMANN, 2007, p. 160).

Ao fim e ao cabo, Gustave aprendera a ler e a escrever, mas sua escrita, profundamente marcada por uma desadaptação proto-histórica ao universo comunicacional da linguagem enquanto fomentadora da sociabilidade, se deixa entrever, de acordo com Sartre e a tese do texto como intenção do autor e de seu imaginário pessoal, nos escritos de juventude de Gustave. A “criança selvagem” se imaginariza no homem-macaco Djalioh¹³, personagem de um dos primeiros contos de Flaubert, *Quidquid volueris*, escrito em 1837, logo, quando o autor tinha apenas 16 anos de idade. Utilizando ainda a parte analítico-regressiva do método, Sartre procurará, à luz do referido conto, mostrar como as profundas marcas da má inserção da criança no universo da linguagem reverberam no adolescente. Aqui, o método analítico-regressivo se deixará ver com clareza enquanto perscrutação existencial-antropológica-crítica que aprofunda a hipótese inicial (as dificuldades da alfabetização de Flaubert) a partir de seus efeitos posteriores. Indo de trás para frente (do adolescente de dezesseis anos à criança com dificuldade perante o alfabeto), veremos *in loco* o que significa dizer que uma vida se desenrola em espiral. Senão vejamos.

Este conto de 1837 narra a macabra história de Djalioh, um homem-orangotango cujo nascimento se deve a uma sórdida aposta feita entre um “cientista” chamado sr. Paul e seu amigo, dono de plantações no Brasil, o sr. Petterwell: este dúvida que aquele seja capaz de criar uma quimera que resulte do entrecruzamento de um ser-humano com um primata; ademais, o mesmo mistério já havia sido colocado antes pela “Academia de ciências”. Pois bem, o “cientista” aceita o desafio e um dia, entediado em “Janeiro” (provavelmente tratar-se-ia do Rio de Janeiro), compra “o mais belo orangotango” e trancafia-o num quarto junto de uma escrava brasileira que acaba sendo molestado pela besta. Relata o sr. Paul aos colegas durante uma festa:

(...) eis que um dia, após meu retorno da caça, descubro que meu macaco, que eu tinha trancafiado em meu quarto com a escrava, tinha fugido e partido, e a escrava em lágrimas e toda ensanguentada pelas garras de Bell. (Após) algumas semanas, ela sentiu dores de barriga e dores no coração. Bem, enfim, cinco meses depois, ela vomitou durante vários dias consecutivos. Diante disso tudo, estava quase certo de que tinha funcionado. (...). Em suma, ao final de sete meses, num belo dia ela pariu sobre o esterco, ela morreu depois de algumas horas mas o bebê não tinha complicações. Quanto a mim, fiquei bem contente, pois a questão estava resolvida. (...). Ganhei a aposta, ganhei

¹³ De acordo com Sartre, “qualquer um dos contos escritos por Gustave na mesma época nos revelaria, examinados, a mesma temática. Marguerite, Garcia, o Bibliomaniaco, Mazza, são todos encarnações de Gustave do mesmo modo que Djalioh. Eu escolhi *Quidquid volueris* porque nele o esforço do autor para reproduzir a perplexidade de sua infância é mais explícito” (SARTRE, 2017, p. 58, nota 3).

uma medalha aos vinte anos de idade e, além disso, fiz uma criança através de meios inusitados (FLAUBERT, 2016, pp. 236-237).

Ao contrário de nós que não vemos neste conto senão o imaginário racista de um francesinho do século XIX, Sartre, um europeu *malgré lui*, afirma que o antropopiteco Djalioh representa o próprio Flaubert contra o pai que na estória seria representado pelo sr. Paul, “este outro monstro ou sobretudo esta maravilha da civilização e que traria junto a si todos os símbolos – grandeza de espírito, secura do coração” (FLAUBERT, 2016, p. 224). Para o filósofo, Flaubert não pode visar a si próprio através de Djalioh “a não ser que ele tenha sua infância como a *verdade profunda* de seus quinze anos. É ela, inesquecível, inesquecida, que o transformou no que ele se tornou: ela continua nele, sempre *atual*”, no entanto, continua Sartre, “a criança não é o adolescente: ela é a catástrofe que produziu este e que delimita seus horizontes” (SARTRE, 2017, pp. 23-24). Em linhas gerais, *Quidquid* sinaliza, como adiantamos mais acima, um contra-ataque imaginário (portanto passivo) de Flaubert contra sua família, mais especificamente, contra seu pai. Djalioh-Flaubert é retratado como uma besta estúpida, muda, melancólica, mas possuidor de um coração vasto e imenso como o mar, “imenso e vazio como sua solidão” (FLAUBERT, 2016, p. 222). Como a criança Flaubert em determinado momento de sua vida, Djalioh não aprendera nem a ler nem a escrever, permanece quase sempre mudo e quando tentar falar algo não faz senão balbuciar¹⁴. Apaixonado pela esposa do sr. Paul, a jovem e bela Adèle, Djalioh tenta se aproximar dela mas, quando intenta falar algo, é incapaz: “Quanto a Djalioh, ele observa a jovem moça adormecida. Ele queria dizer uma palavra – mas disse-a tão baixo, com tanto temor, que poderíamos tomar por um suspiro” (FLAUBERT, 2016, p. 216). Eis aí, segundo Sartre, um paralelo com a situação do próprio Flaubert quando criança. Como quer que seja, mesmo suspirando no lugar de falar, Djalioh “tinha no fundo de si toda uma alma” (FLAUBERT, 2016, p. 216), “toda uma alma: a criança retarda superava com facilidade os membros de nossa espécie pela profundidade de seus sensíveis afeto” (SARTRE, 2017, p. 26), de modo que o tema da

¹⁴ Apaixonado pela esposa do sr. Paul, a jovem Adèle, Djalioh tenta se aproximar dela mas, quando intenta falar algo, é incapaz: “Quanto a Djalioh, ele observa a jovem moça adormecida. Ele queria dizer uma palavra – mas disse-a tão baixo, com tanto temor, que poderíamos tomar por um suspiro” (FLAUBERT, 2016, p. 216). Eis aí, segundo Sartre, um paralelo com a situação do próprio Flaubert quando criança. Como quer que seja, mesmo suspirando no lugar de falar, Djalioh “tinha no fundo de si toda uma alma” (FLAUBERT, 2016, p. 216).

linguagem se opõe o dos torpores, uma vez que a quimera, sozinha diante da natureza experienciava um panteísmo extasiante quase místico:

Frequentemente, em presença das florestas, das altas montanhas, do Oceano – sua fronte enrugada tremia – suas narinas afastavam-se com violência e toda a sua alma se dilatava diante da natureza como uma rosa que floresce ao sol e ele tremia com todos os seus membros, sob o peso de uma volúpia interior – e com a cabeça entre suas mãos, ele caía em uma letárgica melancolia. Então, digo, sua alma brilhava através de seu corpo como os belos olhos de um mulher por detrás de um véu negro (FLAUBERT, 2016, p. 222).

Na interpretação psicanalítico-biográfica de Sartre, o presente fragmento representa a idade de ouro da criança e seus longos momentos de estupor antes de ser obrigada a aprender a ler/escrever, e o filósofo ainda observa que a ideia de dilatação estaria próxima daquela de um processo de dissolução que teria encontrado sua forma última em *Saint Antoine* quando o santo panteísta anseia tornar-se matéria. Este tema, presente em *Quidquid*, é portanto sintomático de que Flaubert, incapaz de adentrar no universo social através da linguagem, anseia dissolver na natureza indizível, conseqüentemente, numa espontaneidade sem sujeito, pois esta seria a sua única possibilidade: “que ele se perca nas imensidades virgens, inominadas, incultas do Oceano ou da floresta; ela é sentido e objetivo de seu projeto fundamental” (SARTRE, 2017, p. 27). Este duplo pertencimento simultâneo da alma e do mundo e do mundo e da alma seria a definição flaubertiana da Poesia como inexpressível e inexprimível através da linguagem; poesia que um sr. Paul, homem sensato e pendido para a ciência e a análise, abomina¹⁵. Segundo Sartre, Djaliouh-Flaubert, amante da poesia incomunicável¹⁶, é a antítese de Paul-Achille-Cléophas (representante ímpar do mundo civilizado):

Linguagem, análise, lugares comuns: é o homem. Assim que a besta humana se coloca a falar, antes mesmo de ler, ela abdica da poesia natal, ela passa da Natureza à Cultura. Notaremos a constância do vocabulário flaubertiano: quantas vezes Gustave não repetirá, em sua correspondência: os animais, os loucos, as criança vêm até mim, pois sabem que “*eu sou um deles*”. Não por alguma lacuna: por uma obscura e rica potência telúrica, permanecida nele graças a esse mau começo que sempre o impediu de se integrar plenamente ao mundo cultural (...). Exibindo sua incompreensão do poeta, sr. Paul e seus amigos não fazem senão fornecer uma sentença contra eles próprios: de um

¹⁵ Cf. Flaubert, 2016, p. 213.

¹⁶ “Nessa época, Flaubert é categórico: a poesia é uma aventura silenciosa da alma, um acontecimento vivido que não é comparável à linguagem; de maneira mais exata, ela *ocorre* contra esta” (SARTRE, 2017, p. 30).

lado este ser de silêncio, dobrado sobre si, do outro esses letrados, esses cientistas que usam da linguagem para repetir indo de mesa em mesa os mesmos lugares comuns resultantes da mesma mesquinha sabedoria; da comparação, é o alfabeto que sai desqualificado (SARTRE, 2017, pp. 29-30).

Djalioh, vasto como a totalidade da natureza, dissolvido nela, estaria acima do mesquinho uso comum da linguagem comunicacional partilhada por todos os demais homens. Para Sartre, podemos ver nesta elevação flaubertiana da Poesia como um estado incomunicável sua revanche contra, além do pai, o irmão mais velho, Achille; leríamos nas entrelinhas desta defesa da Poesia em detrimento da ciência algo como “sim, com sete anos eu não sabia o alfabeto e você, desde os quatro, lia correntemente. E daí? Eu era um animal, isto é, um poeta, você era um pequeno Doutor, isto é, um Robô que assim permaneceu” (SARTRE, 2017, p. 30). Djalioh-Flaubert, animal-poeta, Natureza “indizável” e anônima, rebaixa a linguagem e a ciência ao status de lugar comum e mesquinho como forma de vingança imaginário-passiva de sua própria má inserção no universo comunicacional dos homens: “analisar – e a linguagem, para Flaubert, é análise – é matar” (SARTRE, 2017, p. 31). *En résumé*, o conto escrito por Flaubert em 1837 não faz senão reproduzir o encarceramento passivo de Gustave, pois, como Djalioh, ele é incapaz de usar as palavras em seu sentido de comunicação. Mas que importa isso se, Poeta, ele experiencia no anonimato “indizável” da Natureza esta Totalidade que os “homens sensatos”, presos às mesquinhas da sociedade, são incapazes de experimentar? Em Gustave-Djalioh “a poesia tinha substituído a lógica e as paixões tinham tomado o lugar da ciência (...). A natureza o possuía em todas as suas forças, volúpia da alma, paixões ardentes, apetites glutões” (FLAUBERT, 2016, p. 223). Finalmente,

(...) a prova está concluída: os escritos de Flaubert adolescente corroboram inteiramente as lembranças de sua mãe; eles nos permitem entrever a experiência primitiva tal como fora vivida de dentro; eles dão a entender que esta experiência – enriquecida e magnificada pelo orgulho e pelo ressentimento – reproduziu-se frequentemente e que o adolescente, como outrora a criança, não cessa de provar um mal-estar linguístico e nem de compensá-lo através de êxtases incomunicáveis. Gustave, com um sentido profundo de seus verdadeiro problemas – o que não devemos confundir com a lucidez – coloca tão logo o dedo no evento fundamental de sua proto-história: tudo começou com esta má inserção no universo da linguagem que se traduz então por uma troca dialética do silêncio e do ressentimento. Se nós o retiramos de seu hiperbolismo, *Quidquid volueris* confirma-nos em nossas hipóteses: a criança sentiu verdadeiramente a incompatibilidade das sínteses afetivas com os signos institucionais que se relacionam a elas. A palavra foi para ele, primeiro, a ferramenta e o resultado das operações analíticas que os adultos, de fora, efetuavam sobre ele (SARTRE, 2017, pp. 34-35).

Mal adaptado às exigências sociais a partir de sua má adaptação à linguagem, a Cultura para Flaubert apenas poderia representar um roubo, pois reduz a indecisa, vasta e anônima consciência natural de seu ser-outro. *Quidquid*, através da comédia do silêncio primitivo de Djalioh, pretende abolir a dimensão comunicativa da linguagem que não seria, aos olhos do adolescente frustrado, senão uma mera expressão do lugar comum partilhado entre os homens sensatos personificado pelo sr. Paul: aos quinze anos, Flaubert “por sua comédia do silêncio, espera restituir sua infância de tal modo que nela mesma o orgulho a exalte a modifique”, logo, “a criança produz nele a natureza sem os homens, por toda parte jogando véus sobre as obras humanas. Ele se recusa a entrar no molde das frases para manter no fundo de si mesmo uma essência incomunicável” (SARTRE, 2017, pp. 36-37). Quando Flaubert começa a usar as palavras, tal como vemos em *Quidquid*, não é senão para desviar seu uso funcional-pragmático e perpetuar o silêncio anônimo da Natureza contra a humanidade: a dilatação da alma de Djalioh representa para Sartre uma descompressão enquanto evasão que transforma as qualidades sensíveis em meros suportes abstratos de uma fuga para o horizonte, de modo que “a percepção se faz negação sistemática de todo conteúdo real para chegar ao vazio, categoria comum ao Ser e o Nada, ao absentéismo interior e à indiferenciação exterior” (SARTRE, 2017, p. 38). Sob o nome de Poesia, Gustave, passivamente, opera um aniquilamento de si através da Natureza indizável que aniquila o mundo social:

Um cativo, incapaz de revolta, simula uma evasão imóvel e seu rancor apaga todas as determinações do Ser para abolir a um só tempo todas as chagas de sua alma. Enfim, o impulso na direção do infinito opera, como em sonho, uma infinita destruição cuja responsabilidade o menino tem o cuidado de colocar sobre o mundo exterior: foi o mundo que o dilatou ou embeveceu e que destrói a si mesmo diante de seus olhos vazios (SARTRE, 2017, p. 39).

Passivo no universo ativo do discurso, o menino conclama a Poesia como silêncio, pois as palavras vêm a ele através dos outros e são, portanto, incapazes de designar o que ele sente. Entretanto, a passividade de Flaubert e seus corolários, a letargia, as dificuldades da fala e do aprendizado do alfabeto, em suma, sua *inércia patética*, não seriam efeitos de uma disfunção corporal? “Para dizer a verdade, ele nos escapa. Sabíamos desde o início que não poderíamos conhecer os acasos de sua vida intrauterina” (SARTRE, 2017, p. 46). Esta dificuldade marca os limites da análise regressiva: a análise fenomenológica da sensibilidade infantil de Flaubert (realizada a

partir dos relatos de sua sobrinha corroborados pela maneira como a criança se representa em Djalioh) levou-nos o mais longe que podia, mas será necessário, agora, inverter o movimento para restituir o marco zero da vida de Gustave, isto é, sair de sua proto-história (infância) para sua pré-história (primeira-infância¹⁷), pois, como já tínhamos alertado em outro momento, a gênese da sensibilidade/inércia patética de Flaubert se deve, primeiramente, à sua relação com a mãe; relação através da qual a sua apatia é inicialmente “a família vivida no nível psicossomático o mais elementar – aquele da respiração, da sucção, das funções digestivas, dos esfíncteres por um organismo *protegido* (...)” (SARTRE, 2017, p. 49). Logo, sem a restituição dos fundamentos arcaicos da sensibilidade, quer dizer, sem a sua pré-história¹⁸, não poderíamos compreender o modo como Gustave, “modo inessencial da substância Flaubert” (SARTRE, 2017, p. 47), age passivamente no seio da “Maison Flaubert¹⁹” e ocupa nela o último lugar - “sua família é um poço, ele está no fundo” (SARTRE, 2017, p. 49)²⁰. Nesta lida, o “núcleo duro” da passividade da criança, a característica patética de sua sensibilidade e sua dificuldade de ser devem ser buscados no nível dos cuidados que a mãe dispõe ao recém-nascido:

Se essas disposições se formaram ao longo de sua proto-história, é preciso que manifestem um distúrbio da relação original que une a criança, carne em vias de eclodir, à Genitrix, mulher fazendo-se carne para alimentar, cuidar, acariciar a carne de sua carne. Portanto, é preciso subir a corrente dessa vida até esse momento primitivo em que uma mulher se faz carne para que uma carne seja feita homem (SARTRE, 2017, p. 53).

Esta passagem, além de belíssima, anuncia uma das investigações mais interessantes feitas por Sartre nesta primeira parte de *IF* ao descortinar o papel fundamental e fundador da mãe na constituição (ativa ou passiva) da criança. Segundo

¹⁷ Como salienta Barnes (1981, p. 24): “Sartre afirma que a constituição da criança é formada a partir da influência de sua pré-história e de sua proto-história. A pré-história inclui a estrutura objetiva da família na qual a criança nasceu – a característica e a situação social dos pais, o número, a idade e o sexo dos irmãos. A proto-história se refere aos eventos iniciais – verdadeira ou falsamente interpretados pela criança – com os quais ela lentamente constrói o que poderíamos chamar de o começo de sua biografia, sua história propriamente dita. Isso inclui a relação pré-verbal com os pais, especialmente com a mãe”.

¹⁸ Afinal, “sem a primeira infância, é pouco dizer que o biógrafo constrói sob a areia: ele constrói sob a bruma com nevoeiro” (SARTRE, 2017, p. 51).

¹⁹ Isto é, a família-casa feudal “como uma sociedade independente do sentimento pessoal” (ARIÈS, 1973, p. 262) ou onde seus membros “preferem o interesse comum da família a seus sentimentos particulares (SARTRE, 2017, p. 75) em detrimento da família sentimental moderna onde cada um de seus membros é constituído como um indivíduo singular. A “Maison Flaubert” – semelhante nisso a maioria das famílias domésticas – nomeava amor a alienação do Pai (...)” (SARTRE, 2017, p. 365).

²⁰ Assim, “Flaubert vive no interior do grupo doméstico e jamais sairá dele. Este pertencimento é o tufo sobre o qual toda a sua existência irá ser construída” (SARTRE, 2017, p. 78).

Barnes (1981, p. 24), o tema da constituição parece “sugerir uma limitação da liberdade pessoal que vai além até mesmo dos retratos da realidade-humana alienada da *Crítica da Razão Dialética*”. Além da ilusão retrospectiva, isto é, visar *IF* como uma simples continuação dos pressupostos da ontologia fenomenológica dos anos 1943, poderíamos observar que o “estupor” em relação a este tema é precipitado ou até mesmo exagerado, pois a constituição (passiva) de Gustave representa mais uma exceção que uma regra, de tal modo que a maternagem da “mãe suficientemente boa” – para retomar um conceito pinçado do *corpus* psicanalítico de Winnicott²¹ - é sinônimo de uma constituição ativa da criança, constituição que poderemos ver, por exemplo, quando de nosso rápido exame da biografia existencial sartreana sobre o poeta Mallarmé. Além disso, a constituição sartreana não se afigura como uma cela intransponível, uma vez que “há homens que a história forjou muito mais que a pré-história, esmagando neles sem piedade a criança que foram” (SARTRE, 2017, p. 51). De todo modo, os cuidados maternos, amalgamados naquilo que poderíamos chamar de “função maternal”, são essenciais ao pleno desenvolvimento psíquico e sensório-motor do recém-nascido e, por isso mesmo, não espanta que Sartre fale em constituição de modo a fazer jus à censura que ele próprio endereçava aos marxistas em *QM*; lembremo-la:

Os marxistas de hoje apenas se preocupam com os adultos: ao lê-los, seríamos levados a acreditar que nascemos na idade em que ganhamos nosso primeiro salário; esqueceram sua própria infância e, ao lê-los, tudo se passa como se os homens experimentassem sua alienação e reificação, *antes de tudo, no seu próprio trabalho* quando, afinal, cada um a vive, *antes de tudo, como criança, no trabalho de seus pais*” (SARTRE, 1972a, p. 47).

Ao fim e ao cabo, somos obrigados a operar a síntese progressiva (da pré-história, marco zero, à proto-história) com Flaubert, pois este, segundo o filósofo, jamais saiu da infância: “Gustave, nós sabemos, é assombrado: a infância está nele, ele a vê, ele a toca sem cessar, o menor de seus gestos a exprime” (SARTRE, 2017, p. 51).

²¹ Lemos em “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, artigo originalmente publicado em 1951 e reeditado em “O Brincar & a Realidade” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 24): “A ‘mãe’ suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. (...) A mãe suficientemente boa (...) começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê, e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela”.

III - Da proto-história à pré-história de Gustave Flaubert

A) Princípios gerais acerca da relação mãe-lactente (Primeira parte)

Pois bem, vimos que a mãe se faz carne para que o neonato, através dela, se faça carne. De acordo com Sartre, o amor materno, antes de ser um sentimento, é uma *relação* pela qual o recém-nascido experimenta a si próprio como corpo através de seu contato com o corpo da mãe: aleitando ou realizando os cuidados assépticos do lactente, a mãe-carne não faz senão exprimir sua verdade de pessoa enquanto possuidora de uma história pessoal que é transmitida e interiorizada pelo recém-nascido que se manifesta a si próprio através de tais cuidados:

Isso quer dizer que ele não se descobre somente por sua própria exploração de si e por suas “sensações duplas”, mas que a apreende sua carne por pressões, contatos externos, toques, atritos que o empurram ou por uma suavidade experiente: ele conhecerá seus membros, violentos, afáveis, retorcidos, contraídos ou livres, pela violência ou pela afabilidade das mãos que o despertam (...); ele interioriza os ritmos e os trabalhos maternos como qualidades vividas de seu próprio corpo (SARTRE, 2017, pp. 53-54).

Doravante, os cuidados e a manipulação que a mãe realiza para com o seu bebê moldam-no a cada dia e penetram em seu “ser-aí” passivo, o que significa que ele interioriza a atividade materna como passividade que condiciona todos as pulsões e todos os desejos; em suma, a mãe, “mergulhada no mais fundo desse corpo, se torna a estrutura patética da afetividade” (SARTRE, 2017, p. 54). “Carne em vias de eclodir” e estando numa idade na qual a fome não se distingue do desejo sexual, a alimentação e a higiene condicionam as primeiras condutas agressivas do bebê, a necessidade (*besoin*) “arranca o lactente das violências passivas e dos desânimos do ‘patético’; primeira negação e primeiro projeto, a agressividade represente a uma só vez a transcendência, sob seu aspecto mais elementar, a relação primitiva com o outro e a forma pré-histórica da ação” (SARTRE, 2017, p. 55). De acordo com o comportamento materno, a criança se tornará mais ou menos passiva em suas atividades essenciais e mais ou menos ativa no desencadeamento das paixões, mas, fora de tais funções propriamente orgânicas, “é a mãe que disporá o lactente às cóleras nervosas ou contidas, aos medos que fogem, que atacam ou que paralisam, em suma, à predominância do patético (emoção sofrida, interior) ou do prático (violências exteriorizadas, tumultos sendo ultrapassando em uma agressão)” (SARTRE, 2017, p. 55). Assim, o tipo de cuidado que a mãe impõe à criança

é fundamental para seu vir a ser passivo ou ativo, tese, como adiantamos, muito próxima daquelas do psicanalista e pediatra inglês Donald Woods Winnicott par quem

Muita coisa acontece no primeiro ano de vida do lactente: o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio; num estudo da evolução da personalidade e do caráter é impossível ignorar os eventos dos primeiros dias e horas (e mesmo do último estágio da vida pré-natal (...)); e até a experiência do nascimento pode ser significativa (WINNICOTT, 2006, p. 21)²².

Em outro ensaio de 1960, “Teoria do relacionamento paterno-infantil²³”, Winnicott, discutindo o fato de que Freud parece ter negligenciado a infância como um estado específico, pois suas formulações acerca do tema derivam, principalmente, de estudos de adultos em processo de análise terapêutica, formula a *unidade* entre o lactente e os cuidados maternos: “(...) sempre que se encontra um lactente se encontra o cuidado materno, e sem cuidado materno não poderia haver um lactente” (WINNICOTT, 2007, p. 40, nota 4). Para o psicanalista-pediatra, tanto quanto para Sartre (inspirado por ele?), o lactente ou infante designa um ser que depende, até certa idade, totalmente dos cuidados da mãe²⁴, cuidados a partir dos quais seu desenvolvimento emocional está atrelado, na medida em que “o ego materno complementa o ego do lactente e assim torna-o forte e estável” (WINNICOTT, 2007, p. 41). Como em Sartre, para quem o lactente é carne em vias de eclodir a partir da carne da mãe (o que dá a ideia de uma certa fusão), em Winnicott, o lactente, porque totalmente dependente, está em fusão com a mãe. Em artigo de 1970, “A dependência nos cuidados infantis²⁵”, poder-se-ia afirmar, como Sartre, que o lactente “interioriza os ritmos e os trabalhos maternos como qualidades vividas de seu próprio corpo”, pois “devido ao fato de os bebês serem criaturas cuja dependência é extrema no início de suas vidas, eles são necessariamente afetados por tudo o que acontece” (WINNICOTT, 2002, pp. 73-74). Pois bem, se o infante é absolutamente dependente da mãe e,

²² Excerto pinçado do artigo de 1958 “The first year of life” e reeditado em *The Family and Individual Development* (1965/2006). A passagem que acabamos de destacar, ademais, parece servir de fundo teórico à lamentação de Sartre por não possuir documentos médicos que pudessem esclarecer a “vida intrauterina” de Flaubert: “Se ao menos nos tivessem comunicado a opinião dos médicos sobre Flaubert adulto, se fôssemos informados por algum check-up realizado no quinquagenário, poderíamos, com a ajuda dos especialistas contemporâneos, recuar de pouco em pouco até as disposições originais do *soma* (SARTRE, 2017, p. 46).

²³ Reeditado em *O ambiente e os Processos de Maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (1979/2007).

²⁴ “A palavra-chave nesta parte do estudo é *dependência*. Os lactentes humanos não podem começar a ser exceto sob certas condições” (WINNICOTT, 2007, p. 43).

²⁵ Publicando posteriormente em *Os bebês e suas mães* (1987/2002).

interiorizando seus cuidados, será ativo ou passivo, detentor de um ego fraco ou de um ego forte e estável a partir do ego da mãe²⁶, que tipo de *holding* (para usar um importante conceito de Winnicott²⁷) Caroline Flaubert realizou no pequeno Gustave? Ora, se mãe suficientemente boa alimenta, como afirma Winnicott em seu artigo “Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro ‘self’” (1960/2007), a onipotência do lactente de tal maneira que “um *self* verdadeiro começar a ter vida, através da força dada ao fraco ego do lactente pela complementação pela mãe das expressões de onipotência do lactente” (WINNICOTT, 2007, p. 133), Gustave, sem Ego, ou melhor, possuindo um Ego advindo de outrem, não fora psiquicamente “alimentado” por uma maternagem suficientemente boa, mas, bem ao contrário, sofrera com uma mãe que não fora “capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim (falhou) repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o (substituiu) por seu próprio gesto, que (foi) validado pela submissão do lactente” (WINNICOTT, 2007, p. 133), logo, Gustave “descobriu-se, por volta da época do primeiro desmame, objeto moldado por belas mãos insensíveis cuja perfeita eficacidade o reduziu a sua impotente nudez” (SARTRE, 2017, p. 898). A sra. Flaubert é, como mostrar-nos-á Sartre, uma exceção em relação ao “otimismo parental” de Winnicott²⁸, e para compreender o porquê disso devemos restituir sua história e sua relação submissa ao Todo-Poderoso marido, centro gravitacional da “Maison Flaubert”.

Antes de continuarmos estas análises, gostaríamos de indicar, através da biografia sartreana sobre Mallarmé, que o tema da maternagem como polo constituidor

²⁶ “Se o apoio do ego da mãe não existe, ou é fraco, ou intermitente, a criança não consegue desenvolver-se numa trilha pessoal; o desenvolvimento passa então (...) a estar relacionado com uma sucessão de reações a colapsos ambientais que com as urgências internas e fatores genéticos” (WINNICOTT, 2006, p. 39).

²⁷ Este conceito, desenvolvido amplamente e presente em muitos textos do psicanalista inglês, designa o suporte tanto físico quanto psíquico dado ao bebê pela mãe ou por aquele que exerce a função materna: o *holding* (sustentar ou segurar) significa “não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*” (WINNICOTT, 2007, p. 44). Em linhas gerais, o conceito pressupõe, por parte da pessoa encarregada do bebê, um padrão empático e uma rotina diária de cuidados através de um comportamento afetivo relacionado às exigências do recém-nascido. Fornecendo estabilidade e previsibilidade ao ambiente, o *holding* “protege das agressões físicas” (WINNICOTT, 2007, p. 48) e faz parte da integração do si do lactente: “tudo isso é muito sutil, mas, ao longo de muitas repetições, ajuda a assentar os fundamentos da capacidade que o bebê tem de sentir-se real” (WINNICOTT, 2002 p. 5). Nesse sentido, o *holding*, enquanto físico e psíquico, seria mais importante que o ato de amamentar e “um bebê a quem seguram bem é muito diferente de outro, cuja experiência de ser segurado não foi muito positiva” (WINNICOTT, 2002, p. 30).

²⁸ “Precisamos levar em consideração o fato de que todos os bebês do mundo, no passado e no presente, nasceram e nascem em um ambiente humano suficientemente bom, isto é, adaptativo da maneira correta, apropriada, de acordo com as necessidades do bebê” (WINNICOTT, 2002, p. 83).

da criança não é, como poder-se-ia pensar, inaugurado em *IF*. À luz de *Mallarmé*, os cuidados maternos, para além de sua acepção física, revestem uma dimensão ontológica de constituição do bebê a partir dos cuidados afetuosos da mãe: nesta biografia existencial, a mãe, ao contrário da figura opressora do pai, será sinônimo de *justificação* ou, usando a expressão de *IF*, de *valorização* existencial do infante. A Mãe, diferentemente do Pai, representa ali o aspecto “positivo” do Outro/Olhar. E ainda que a criança reclame à mãe que ela lhe confira “sua realidade profunda por um tipo de criação continuada”, o que significa, portanto, que a criança “é porque (a mãe) a vê, sua verdade reside nela” (SARTRE, 2016, p. 98), isso não poderia ser enquadrado *ipso facto* nos quadros de uma alienação: tais observações apenas indicam que a criança é ontologicamente dependente de sua mãe na medida em que ainda não é capaz de operar o processo da alteridade para, então, diferenciar-se dos objetos. Assim, se a criança vive sua relação ao Todo a partir da mãe, se Mãe & Mundo, nesta fase da vida, não são senão uma única e mesma coisa, é indefectível que o Olhar materno “guie” o olhar da criança no mundo (n’outras palavras, o olhar materno exerce uma verdadeira função ontofenomenológica); daí que Sartre possa afirmar que a mãe empresta seus olhos à criança: como criança e objeto confirmam-se mutuamente, quer dizer,

(...) são modos passageiros de uma substância incompreensível, a *vista*; seu primeiro elo não é a contiguidade e nem mesmo o conhecimento, mas, sobretudo, uma afinidade surda pelo fato de que surgem, fruto de um mesmo amor, em uma mesma clareza; sua verdade comum está no fundo de olhos tenros: o mundo, com a criança dentro, não é senão uma visão materna. Desse modo, a doce confusão nativa é vivida de duas maneiras opostas e a criança passa continuamente de uma à outra: seja cega e surda, incrustrada na carne materna, ela goza do mundo através da mãe, seja, afastando-se alguns passos, ela mistura-se ao Universo, objeto por entre objetos, e sente-se deliciosamente solúvel em um olhar límpido e todo-cognoscente (SARTRE, 2016, p. 98).

A Mãe *empresta* seus olhos, isto é, sua percepção à criança, na medida em que esta é ainda incapaz de diferenciar-se existencialmente do mundo e de Outrem. Assim, poderíamos pensar o olhar materno a partir da definição sartreana da leitura como “criação dirigida”: diremos que o olhar materno se apresenta como uma “ultra criação dirigida”, ou seja, por quanto a criança não é ainda plenamente capaz de se distinguir positivamente dos objetos, será o olhar materno o responsável por fazer com que ela, a criança, perceba o mundo e seus entornos. Destarte, se se fala do conceito de criação dirigida como perpassado por uma generosidade (autor/leitor), o mesmo, aliás, poderia

ser usado para qualificar a relação Mãe/criança; a diferença, nesse caso, seria que essa generosidade é superlativa: se o leitor (generosamente) empresta sua consciência para reanimar intencionalmente as palavras depositadas (generosamente) no livro pelo autor, a Mãe, bem ao contrário, empresta *sua própria percepção* à criança (e igualmente o seu corpo, afinal, a criança, como observou Sartre, está “incrustada na carne materna”), ou seja, ela generosamente guia, através de seu olhar-percepção, o olhar da criança para o mundo: a partir de *Mallarmé*, somos informados que a mãe, ou, melhor, que a função materna, designa um suporte ontológico à criança. Enfim, este ligeiro comentário serve apenas para ratificar o que apontávamos na subseção anterior: o tema da constituição, não sendo novo no pensamento sartreano, não possui apenas um lado negativo, como será o caso da relação de Flaubert e sua mãe, mas igualmente um lado positivo pelo qual a unidade mãe-lactente é, como no caso da literatura engajada, um puro exercício de generosidade por parte da Mãe.

B) O Pai-Todo-Poderoso e a mãe-toda-submissa de Gustave-todo-vassalo

“Fazer filhos, não há coisa melhor, *tê-los*, que inquietude! Houvesse vivido, meu pai teria deitado sobre mim com todo o seu comprimento e ter-me-ia esmagado. Por sorte, morreu moço” (SARTRE, 2010b, p. 8); Gustave, ao contrário de Poulou (apelido de Sartre quando criança), parece não ter tido tamanha sorte. Achille Cléophas Flaubert, como todos os demais Pais que assombram o *corpus* filosófico e literário de Sartre²⁹, é a encarnação perfeita daquilo que poderíamos chamar por “função paterna”, uma função cujos corolários são aqueles da alienação, da coerção, da repetição e da violência contra os filhos. “Não há bom pai, é a regra; que não se faça disso agravo aos homens e sim ao lanço de paternidade que é podre” (SARTRE, 2010b, p. 8), afirmara Sartre em sua autobiografia. Em *IF*, esta mesma afirmação será repetida por Sartre através de Flaubert e seus escritos de juventude:

(...) através de seu pai, é a todos os pais que ele se endereça. Ou, se preferirmos, o que lhe inspira o horror mais concreto é a necessidade para o homem de ser filho do homem, de nascer com um passado já constituído, com um futuro hipotecado, de aparecer no mundo como um conjunto de meios arranjados antecipadamente para alcançar um certo fim que ele interioriza e que é, nele, aquele do Outro (SARTRE, 2017, p. 298).

²⁹ Cf. o excelente artigo de Chabot, “Sartre et le fantôme du père”.

“Quando os pais têm projetos, as crianças têm destinos” (SARTRE, 2017, p. 108) e Achille Cléophas Flaubert, *pater familias*, cirurgião-chefe do hospital de Rouen e casado com medicina, não quererá senão engendrar médicos que o perpetuem em seu sucesso de ascensão social, pois, filho de uma família camponesa cujos homens foram todos veterinários, “este jovem ambicioso de infância enraizada no costume rural cura pessoas, enquanto seus irmãos só curam os animais” (SARTRE, 2017, p. 65). Produto do Antigo Regime e do Código Napoleônico, misto de moral campesina e da ideologia burguesa do liberalismo e da Razão analítica, vimos que o cirurgião-chefe institui, no seio de sua família, as práticas *démodées* da primogenitura³⁰ e do *pater familias*: os membros da “Maison Flaubert”, em relação a seu centro gravitacional autoritário, o cirurgião-chefe, serão todos seres relativos: “em suma, a pequena comunidade integra a contradição³¹ de Achilles Cléophas: ela está inteiramente alienada à sua empreitada (...)” (SARTRE, 2017, p. 77). Nesta ótica autoritária e narcísica do *pater familias*, quais devem ser as características sociais e psíquicas de uma esposa que aceita a submissão do ser-relativo conferida pelo Suserano Dr. Achilles? Quem seria Caroline Flaubert para quem o marido “a justificava, a inocentava, legitimava sua existência, lhe dava sua razão de ser; era seu Bem” (SARTRE, 2017, p. 87)?

Segundo Sartre, o amor submisso de Caroline Fleuriot Flaubert por Achille Cléophas nada mais seria que a realização de seu, coloquemos assim, “complexo de Electra”: a mãe, tendo morrido no momento de seu parto, teria feito com que a criança voltasse toda a sua efetividade ao pai médico, que no entanto não tardaria em morrer dez anos depois, deixando a menina completamente órfã e abandonada no mundo. Imputando a si mesma a culpa pela morte dos pais, afinal, Caroline teria matado a mãe ao vir ao mundo e, igualmente, o pai, na medida em que este não teria aguentado a perda de sua jovem esposa a quem amava muito, a criança jurou que não se casaria a não ser com o pai perdido:

³⁰ Pontuemos que se o Pai, praticamente da primogenitura feudal, escolhe o filho mais velho, Achilles, como seu sucessor, tal fato se deve menos por amor ao filho e mais por uma espécie de amor narcisista, pois ele visa, através de Achille, sua própria reencarnação: “O primeiro pássaro é Achilles-Cléophas (...), dito de outro modo, o primeiro pássaro é também o único: um pássaro ancestral e a infinita sucessão de suas imagens, sempre mais brilhantes, cada vez menos vivas: eis a família Flaubert tal como ela aparece para seu fundador. É a esta glória infinita – si mesmo em mil outros *si* sucessivamente retraído (...)”, assim, “O doutor Achille deu a seu primeiro filho um destino: e o destino de Achille não será o futuro, mas a própria pessoa de seu pai” (SARTRE, 2017, pp. 110-111).

³¹ A contradição entre a moral do Antigo Regime e a moral liberal burguesa.

Tímida, amedrontada, orgulhosa e severa, virtuosa por *necessidade*, alienada a este ser metafísico, a nobre de toga³², e, apesar do jogo das compensações, perdida: em si e no mundo. Assim era esta menina de dezesseis anos quando encontrou, nos salões de Laumonier, um jovem assistente de anatomia, Achille-Cléophas Flaubert. Pequena, magra e frágil, ela sofrera de hemoptise alguns antes; por toda a sua vida permaneceu nervosa, impressionável, escondendo sua angústia permanente sob preocupações quase maníacas (SARTRE, 2017, p. 83).

Achille-Cléophas, médico como o pai de Caroline, seria então a encarnação simbólica do Dr. Fleuriot e, graças a ele, os anos vagos e sombrios de pensão estariam presentes a acabar e ela poderia, enfim, voltar aos braços nunca esquecidos do pai morto; em suma, casando-se com Achille, ela recomeçaria de novo a vida a partir de seus dez anos de idade. No entanto, haveria um preço a pagar: ela deve aceitar que o marido, ambicioso e narcisista, seja o único mestre à bordo da nova família que *ele*, sozinho, está em vias de constituir para propagar sua gloriosa ascensão social; preço baixo a ser pago, pois a esposa, sedenta por um pai, não deseja e não reivindica senão a obediência do ser relativo, de modo que ela será “uma eterna menor, a filha de seu marido” (SARTRE, 2017, p. 84). Bastava-lhe um mestre e nada mais. Ora, este retrato submisso que Sartre pinta da sra. Flaubert, que mais lembra um romance trágica³³, é propositadamente construído assim para que possamos compreender o porquê desta senhora não ter sido uma mãe suficientemente boa para Flaubert. Sobremaneira, lembrar-nos-á o leitor atento, a sra. Flaubert fora, igualmente, mãe de outras duas crianças além de Gustave, Achilles e Caroline; então por que só o filho do meio teria sofrido uma maternagem insuficiente? A resposta de Sartre a esta questão passa por este seu retrato trágico da sra. Flaubert e por uma observação de Caroline Commanville segundo a qual ela relata que a avó a fazia passar frequentemente em frente à casa de número 8 da rua Petit-Salut na qual, logo após seu casamento com Achille, o casal permanecera durante longos 7 anos e onde ela teria passado os melhores anos de sua vida. A memória saudosista seria inofensiva se não desvelasse o segredo da submissão incontestada da sra. Flaubert em relação a seu Senhor: fora naquele endereço que o casal, um ano depois, tivera Achille, uma criança bem quista e amada pela mãe por se tratar do

³² Segundo Caroline Commanville, a avó teria pertencido a uma das famílias mais antigas da Normandia, “e Gustave, em sua Correspondência, faz frequentemente alusão a suas nobres origens” (SARTRE, 2017, pp. 82-83).

³³ Para Barnes (1981, p. 25), “o capítulo no qual Sartre introduz Caroline Fleuriot Flaubert contém alguns dos mais finos escritos de Sartre”; no entanto, “Como alguns críticos observaram, ele pode ser lido como um romance”.

sucessor e da reencarnação do marido-pai: “a mãe tinha sido informada desta predileção e partilhou-a: ela amava em sua criança a tenra infância desarmada de seu esposo, durante tempo tido por morto, mas enfim ressuscitado” (SARTRE, 2017, p. 85). Eis aí o que explicaria a razão pela qual Achille, ao contrário do pobre Gustave, não ter sido um simples objeto passivo de cuidados mecânicos, frios e sem amor: através do primeiro filho, Caroline amava, na verdade, a infância do esposo-pai: “objeto de tantos cuidados apaixonados, Achille foi uma criança sob medida” (SARTRE, 2017, p. 85). Contudo, neste mesmo endereço, o casal tivera mais outros dois filhos que, infelizmente, morreriam alguns meses após o parto; onde, enfim, a consternação por parte de Sartre quanto ao fato de ela ter relatado à neta que ali ela teria vivido os melhores anos de sua vida conjugal:

Duas dádivas inúteis: os dois morreram com pouca idade. E é exatamente isso o que me surpreende: uma única morte prematura em geral é suficiente para mergulhar os pais na infelicidade; com os Flaubert, ocorreram duas, sucessivas: o bastante para devastá-los por muito tempo e fazê-los ter horror daquela primeira residência. Ora, a velha sra. Flaubert, trinta anos depois, gosta de voltar com nostalgia na rua do Petit-Salut, parar na frente de sua antiga casa e relembrar que ali conheceu a felicidade. Se sua vida conjugal for dividida em dois, como ela nos convida a fazer, veremos que ela teve três filhos *antes* de se estabelecer no Hôtel-Dieu, dos quais apenas um sobreviverá; *depois* de seu estabelecimento, a proporção se inverte: dos três filhos que tem, um único morrerá. No entanto, é ela quem o diz, apesar desses pungentes reveses, que experimentou uma verdade felicidade durante os sete primeiros anos, quando morava na rua do Petit-Salut (SARTRE, 2017, p. 85).

Na interpretação de Sartre, este “desdém” em relação à morte das duas crianças não faz senão demonstrar que essa senhora, a quem aprazia voltar à antiga primeira residência do casal, apenas se importava com seu esposo-pai: “a felicidade e a infelicidade de Caroline Flaubert dependiam de uma única pessoa, Achille-Cléophas” (SARTRE, 2017, p. 85). Certamente ela teria amado as duas outras crianças, mas não as amava senão como símbolos da fecundidade do genitor, deste modo, o que contava a seus olhos, era o casal, “mesmo que fosse o mais incestuoso. Ela confirmou seu marido em seus poderes de *pater familias* por sentir em seu coração e em seu corpo que ela não tinha outro amante que seu pai” (SARTRE, 2017, p. 89). Até aqui, temos o seguinte: a sra. Flaubert não amava seu filho Achille senão por representar o escolhido pelo Pai e não teria ficado abalada com a morte das duas outras crianças por, precisamente, não se importar a não ser com o Mestre; além disso, “no início do século passado, era

recomendado não amar demais os recém-nascidos visto que eles morriam como moscas. As duas primeiras mortes pareceram certamente lamentáveis, mas não excepcionais (...)” (SARTRE, 2017, p. 91). Ora, se a mãe via nos filhos, mesmo os que morreram, a fertilidade do genitor, por que, então, ela não teria amado Gustave à luz de seu amor pelo esposo-pai? A resposta sartreana, engenhosa, é a de que depois de Achille e dos dois recém-nascidos mortos, Caroline queria parir uma menina para, através dela, recomeçar sua infância perdida: “uma infância perdida, sabemos hoje graças aos analistas, é recomeçada; recomeçada com outra criança. Caroline, dando a luz à uma menina, seria sua própria mãe” (SARTRE, 2017, p. 89)³⁴. No entanto, no lugar da menina desejada, viria, ao contrário, o intruso Gustave.

A descrição sartreana da sra. Flaubert, como já podemos perceber, é extremante negativa e o próprio filósofo confessa não gostar dela: “é verdade que eu não gosto da mãe de Flaubert” (SARTRE, 2017, p. 96). A repulsa de Sartre tem, no entanto razão de ser? Segundo Barnes (1981, p. 38), a alegação dele segundo a qual Caroline queria desesperadamente uma menina e fica desapontada quando nasce, em seu lugar, Gustave, é construída no vazio, pois “não há evidência verbal nenhuma para isso”. Poderíamos instituir que a mãe realmente desejava uma criança do sexo feminino para recomeçar sua infância à medida que a filha que virá depois de Gustave terá o mesmo nome que a mãe; todavia,

(...) devemos lembrar que a avó (da sra. Flaubert) também se chamava Caroline. A hipótese, em si mesma, é plausível e inócua. Mas quando Sartre sugere que esse anseio por uma filha foi em grande medida o responsável pela mãe não amar seu filho, ele vai muito além da evidência (BARNES, 1981, p. 38).

Sem provas muito convincentes acerca da postura da mãe em relação aos filhos e, em especial, em relação a Gustave, Sartre, astuciosamente, tenta forjar em nós um sentimento de repulsa contra ela ao mobilizar a suposta indiferença da sra. Flaubert quanto ao falecimento prematura das duas crianças. Ora, para fortalecer esse sentimento, deparamo-nos com comentários da seguinte natureza:

³⁴ Ou ainda: “se a antiga órfã, que tinha encontrado para si um pai incestuoso, conseguisse realizar uma filha de seu sexo uma versão melhorada de sua própria infância, se, antecipando todos os desejos da carne em sua carne, conseguisse retrospectivamente encher de felicidade essa primeira infância frustrada, arredondando as pontas de recordações ainda dilacerantes, a sra. Flaubert fecharia o círculo: desfrutando de uma eterna infância sob a autoridade paterna do marido, desenraizaria a sua, a verdadeira, para arrancá-la de sua memória e realizá-la em outra pessoa” (SARTRE, 2017, p. 89).

Certamente, a mortalidade, à época, era severa. Todavia, o desaparecimento desses (...) bebês do sexo masculino sempre pareceu-me suspeito. Por não receber maternagem, uma criança se eclipsa com um mês, com três meses. Podemos imaginar que a virtuosa e “glacial” Caroline *sénior* fora a responsável pela debandada precipitada deles? Para Gustave, impressionada pelas mortes anteriores, ela teria feito um esforço. É a isso que ele devia à vida. Justo. Mas ao seguinte, ela teria exclamado: “Mais um!”. O recém-nascido, diante deste acolhimento, teria voltado correndo para debaixo da terra (SARTRE, 2017, p. 817, nota 67).

Donde a animosidade de Barnes em relação a comentários dessa natureza: “O tratamento vagamente cômico de Sartre sobre as mortes trágicas das crianças beira o inofensivo. Isso faz com que fiquemos inclinados a simpatizar com a queixa explosiva de Harry Levin: “(O livro) degrada e trivializa o que quer que toque” (BARNES, 1981, p. 39). Ora, o retrato sartreano de Caroline, apesar de funcionar para a lógica interna da tese da má maternagem da mãe e da conseqüente constituição passiva de Gustave, é, como mostra-nos Young-Rea Ji em seu artigo “La reconstruction sartrienne de la vie de Flaubert”, equivocado: à guisa deste artigo, somos informados pelo comentador que há um grave problema de interpretação por parte de Sartre que, como sabemos, utiliza quase que exclusivamente a obra de René Dumesnil, *Gustave Flaubert, l'homme et l'oeuvre* (1947), para, através da restituição da cronologia da “Maison Flaubert”, condenar a mãe e ligá-la à imagem de uma mulher que, submissa ao marido, não teria criado os filhos do sexo masculino senão por dever e devoção ao Mestre. Vimos que Sartre, a partir da referida obra de Dumesnil, afirma que o casal morara, a partir de 1812, por sete anos (logo, de 1812 até 1819) na casa número 8 da rua do Petit-Salut e que, precisamente lá, eles teriam visto dois filhos morrerem prematuramente, mas nada disso teria tido grande importância para a sra. Flaubert. Eis aí a informação equivocada: Ji, respaldado por outro biógrafo de Flaubert, Lucien Andrieu, mostra-nos que

Segundo a investigação de Lucien Andrieu, quando a família Flaubert deixou a casa da rua do Petit-Salut *por volta de 1817*, seus membros contavam quatro pessoas, sr. e sra. Flaubert, Achille, e uma menina mais nova. Contrariamente à afirmação de Sartre, durante os cinco ou seis anos em que eles moraram em seu primeiro domicílio, eles não conheceram nenhum luto e foi no Hôtel-Dieu ou em outro domicílio nas proximidades do Hôtel-Dieu que o sr. e a sra. Flaubert perderam três de seus seis filhos. Toda a tese sartreana concernindo a mãe de Gustave (...) vacila. Os argumentos sartreanos sustentados para justificar a tese da ‘passividade’ de Gustave condicionado pela falta de amor materno ficam então desagregados desde a base, e são, sobretudo, os raciocínios que dizem respeito ao ‘plano familiar’ dos pais de Gustave que se desvelam como sem fundamento (JI, 2007, p. 57, grifo nosso).

Em quem acreditar? Em Sartre-Dumesnil ou em Ji-Andrieu? Sem que possamos escolher entre uma das duas versões, afinal, não somos especialistas em Gustave Flaubert, poderíamos, deste fato, apenas observar e pontuar os limites epistemológicos da empreitada biográfico-antropológica de Sartre que, pretendendo recuperar a totalidade da vida um indivíduo (morto), pode esbarrar em documentos ambíguos ou simplesmente equivocados que colocam em xeque a possibilidade de recuperação de uma existência. De todo modo, os dados ofertados por Dumesnil, errados ou certos do ponto de vista da verdade concreta dos fatos, fazem sentido dentro da lógica interna de *L'Idiot*. Ora, mesmo estando possivelmente errado em relação à verdade *de fato*, Sartre está certo em relação à verdade *de direito* da família Flaubert: *de fato*, as informações de Dumesnil talvez estejam erradas, mas, *de direito*, elas, quando manejadas pelo método regressivo-progressivo e dispostas dialeticamente com outros documentos/textos, fazem sentido e servem para aprofundar e confirmar a tese sartreana. Assumindo que a versão de Andrieu é a mais próxima do ocorrido, a versão sartreana, dialética e hermenêuticamente manejada à luz de outros documentos, é o que poderia ter ocorrido se as informações de Dumesnil fossem corretas. Talvez os Flaubert não tenham vivido sete anos em uma residência onde apenas um, de seus três filhos, tenha sobrevivido, que seja; mas se o tivessem, as coisas teriam ocorrido como Sartre as descreveu. O que interessa aqui é a qualidade e a genialidade da escrita investigativa, criativa, dialética e hermenêutica do filósofo, uma escrita que, a partir de uma leitura igualmente genial e original, perscruta e alcança, em relação aos documentos, dimensões profundas. Sartre pode ter falhado em restituir Flaubert tal como ele era, mas foi exitoso em restituí-lo tal como ele o imagina³⁵, afinal, “*entramos em um morto da maneira que quisermos*” (SARTRE, 2017, p. 4).

C) *A relação mãe-lactente ou Sra. Flaubert: “épouse par vocation et mère par devoir” (Segunda Parte)*

Se, como afirma Barnes, o capítulo mais fino da primeira parte de *IF* é aquele sobre a mãe, diremos que o capítulo mais importante é aquele sobre o nascimento de Flaubert, “*La naissance d’un cadet*”: nele serão ofertadas explicações sobre a

³⁵ No conjunto desse livro, é Flaubert tal como eu o imagino, mas, possuindo métodos que me parecem rigorosos, creio ao mesmo tempo que é Flaubert tal como ele é, tal como ele foi. Neste estudo, a cada instante, eu preciso da imaginação (SARTRE, 1976, p. 94).

constituição (passiva) de Gustave que, mesmo ultrapassadas pelo adolescente/homem, permaneceram conservadas nele. Sabemos que a sra. Flaubert, “esposa por vocação, era mãe por dever” (SARTRE, 2017, p. 139), era alguém que estava totalmente, enquanto ser-relativo, submetida aos desejos e projetos do Dr. Flaubert e não visava os filhos do sexo masculino a não ser como símbolos da fecundidade do genitor ou, porque órfã, “as crianças, desde que fossem normais, não possuíam outro papel a seus olhos a não ser colocá-la em posse de sua função materna” (SARTRE, 2017, p. 89), o que significa que se tratava muito mais de fazer filhos para continuar a Maison Flaubert comandada pelo marido e, do mesmo modo, para preencher a infância perdida da órfã Caroline: as crianças, mesmo a menina que virá ao mundo três anos depois de Flaubert³⁶, não eram visadas e amadas em si mesmas como indivíduos singulares. Mas a mãe-por-dever, para satisfazer suas próprias frustrações infantis, queria uma menina e, em seu lugar, nascera Gustave Flaubert em 12 de dezembro de 1821 como que para confirmar a maldição que menina-órfã acreditava ter sido lançada por sua mãe, a sra. Fleuriot: “tu me mataste, eu te amaldiçoo, os frutos de teu ventre apodrecerão porque tuas entranhas estão podres” (SARTRE, 2017, p. 134). Amaldiçoada ao melhor estilo de um filme de terror de José Mojica Marins, a sra. Flaubert não teria visto em Gustave, intruso no lugar da menina sonhada e desejada, senão “um animal estranho (...), um Outro. Que era do partido dos Outros, da fuligem, da morte, e que vinha sofrer, morrer sobre esta terra para cumprir a sentença anunciada por um tribunal desconhecido. Aquele nascimento lançou a mãe de volta a seu abandono” (SARTRE, 2017, p. 136). Diante de tamanha tristeza e decepção, esperar que alguém, à meia-noite, viesse buscar sua alma infeliz ou, esposa por vocação, cuidar da criança por dever? A sra. Flaubert escolhe a segunda opção:

Caroline era uma mulher de dever (...). Ela nunca detestou Gustave, a marca de seu fracasso. Ela admitia a sua decepção, nada mais. Além disso, havia esse recém-nascido que era preciso alimentar, lavar, proteger. Ele fez o necessário. Mas, sem nem mesmo questionarmo-nos sobre os meandros dessa alma falsamente transparente, está claro que o objeto de seus minuciosos cuidados só podia aparecer-lhe de duas maneiras: ou como *seu* fracasso de mulher e mãe – ou seja, como singularidade detestável e de toda negativa –, ou em sua pura generalidade de recém-nascido. Ela preferiu ver apenas uma

³⁶ “Sou eu, eu mesma reparando minha própria infância, provendo-a com uma mãe que vive para me amar”. Por esta razão, a irmã de Gustave foi seguramente a preferida: de uma certa maneira, ela representava a única relação pessoal que a esposa do médico-chefe mantinha consigo, a única intimidade subjetiva na qual o pai incestuoso não tinha acesso; na própria ação de amamentar, todavia regrada por considerações objetivas, ela colocava, sem saber disso, um mundo que não podia advir: *ela se fazia seio* para apagar do presente as frustrações indestrutíveis do passado, ela se fazia amor para poder dar ao menos a ternura que ela não havia *recebido*” (SARTRE, 2017, p. 90).

existência ávida que *não era* a filha desejada e, salvo esta negação bem definida, era pura indeterminação. Uma vida sexuada, nada mais. O que tinha sido, aliás – com exceção de Achille –, os outros filhos se não objetos *genéricos* de seus cuidados? (SARTRE, 2017, p. 137).

Mãe-por-dever, submissa ao esposo-pai, desejante de uma filha que pudesse preencher seu abandono infantil, e já tendo perdido outras duas crianças, a sra. Flaubert empregará todos os esforços necessários para que Gustave sobreviva, mas não por amor a ele ou como forma de superar o luto pela morte das duas últimas crianças, mas pelo marido que começa a temer que seus espermatozoides estivessem podres por darem origem a crianças que morriam prematuramente, afinal, o que haveria “(...) de mais humilhante para um *pater familias* que ser um genitor com os testículos avariados?” (SARTRE, 2017, p. 139). Nascido entre duas mortes, Gustave estará condenado, como afirma o filósofo, à tirania da superproteção: o infante foi submetido aos tratamentos mais contraditórios, “o cirurgião voluntarista e sua esposa stalinista quiseram lutar contra o destino; eles exerceram contra a criança essa tirania que os médios chamam hoje de superproteção” (SARTRE, 2017, p. 128); superproteção que, todavia, escondida um abandona, pois realizada apenas para tranquilizar os temores do genitor acerca de seu material biológico: “O filho cadete³⁷ fora cautelosamente manejado: tiravam e colocavam suas fraldas em um piscar de olhos; não devia gritar, era alimentado sempre na medida certa”, donde o resultado: “a agressividade de Gustave não teve a oportunidade de se desenvolver” (SARTRE, 2017, p. 139). Todos esses pressupostos da superproteção parecem ter sido retirados dos fundamentos psicanalíticos de Winnicott, de tal modo que podemos afirmar que ele é um desses médicos contemporâneos que Sartre, sem nomear, cita para fundamentar sua própria tese. Lemos por exemplo em “Teoria do relacionamento paterno-infantil”:

(...) as mães que tiveram vários filhos começam a ficar tão boas na técnica de criá-los que fazem tudo no momento exato, e assim o lactente que tinha começado a se tornar separado de sua mãe não tem meios de assumir o controle sobre todas as coisas boas que estão acontecendo. O gesto criativo, o choro e o protesto, todos esses pequenos sinais para induzir a mãe a realizar o que faz, todas essas coisas ficam faltando, porque a mãe satisfaz as necessidades, como se o lactente estivesse ainda fundido com ela e ela com

³⁷ Embora a palavra francesa *cadet* possa ser traduzida por filho mais novo, ela guarda também o sentido mais baixo da hierarquia militar. Como a família Flaubert é uma “Maison” altamente hierarquizada na qual o filho mais novo ocupa o último lugar, cremos que Sartre utiliza a palavra tendo também em vista esse sentido.

ele. Deste modo a mãe, por ser uma aparentemente boa mãe, faz pior do que castrar o lactente (...) (WINNICOTT, 2007, p. 50).

A mãe “fez pior que castrar o lactente”, pois, ao contrário do que suporíamos, a “tirania da superproteção”, principalmente quando empregada sem afetividade/amor, como teria sido o caso de Gustave, faz com que o bebê não consiga desenvolver uma *práxis* ativa pela qual ele se sinta soberano ao ter suas necessidades atendidas quando chora ou grita; a mãe, precipitando e antecipando cada manifestação das necessidades do bebê, enfraquecerá seu senso de realidade e de soberania: imediatamente atendido pela mãe sem nem antes poder se manifestar, “Gustave tem muita dificuldade de apreender essa característica esparsa do mundo objetivo” (SARTRE, 2017, p. 140) ou ainda: “(...) Gustave experimenta a necessidade como uma lacuna, como uma inquietude ou (...) como o anúncio de uma agradável e próxima saciedade, mas esse conflito não é extraído da subjetividade para fazer-se reclamação no mundo dos outros” (SARTRE, 2017, p. 140). A necessidade de esperar as manifestações do lactente para, desse modo, constituir no bebê seu sentimento de importância ou, como no caso sartreano, portador de uma *práxis* ativa em vias de solidificar-se, é otimamente explanada por Winnicott:

O bebê diz (sem palavras, é claro): “Estou precisando de...”, e nesse momento a mãe vira o bebê de lado ou se aproxima com as coisas necessárias para alimentá-lo, e o bebê pode, então, completar a sua frase: “... uma mudança de posição, um peito, mamilo, leite, etc., etc.”. Temos que dizer que o bebê criou o seio, mas não poderia tê-lo feito se a mãe não tivesse chegado com o seio exatamente naquele momento. O que se comunica ao bebê é: “Venha para o mundo de uma forma criativa, crie o mundo; só o que você criar terá significado para você”. E em seguida: “O mundo está sob o meu controle”. A partir desta experiência de onipotência inicial o bebê é capaz de começar a experimentar a frustração, e até mesmo de chegar, um dia, ao outro extremo da onipotência, isto é, de perceber que não passa de uma partícula do universo que ali já estava antes mesmo da concepção do bebê (...)” (WINNICOTT, 2002, p. 90).

Gustave, para que as necessidades eram mecanicamente atendidas antes de sua manifestação, não poderá sentir-se validado e, igualmente, não possuirá os meios psíquicos necessários para constituir uma *práxis* ativa: uma necessidade levada ao limite “se torna agressiva, produz seu próprio direito; mas um filho Flaubert nunca está esfomeado; a criança, empanturrada por uma mãe diligente e seca, não terá nem mesmo essa oportunidade de romper, através da revolta, o círculo mágico da passividade”, portanto, “sem soberania nem revolta, ele não vive a experiência das relações humanas;

manejado como um instrumento delicado, absorve a ação como uma força sofrida e nunca a produz, nem mesmo como um grito” (SARTRE, 2017, p. 141). A constituição patética de Gustave se deve, desse modo, à antecipação mecânica, fria e sem afeto que a mãe dispense ao recém-nascido, pois ela não o concebe a não ser como um meio de realizar seus deveres de mãe e de esposa: “para a sra. Flaubert, com efeito, esta criança é o meio de realizar seus deveres de mãe; para o médico-filósofo em quem a jovem mulher está alienada, ele é inicialmente o meio de perpetuar a família” (SARTRE, 2017, p. 140). Como havíamos dito, a antecipação exacerbada das necessidades do lactente, quando realizadas sem afeto/amor, pioram ainda mais as coisas, pois, como Winnicott, Sartre parte do princípio que a criança necessita do amor materno, na medida em que este fixará nela a categoria objetiva da alteridade: “falei do amor materno, é ele que fixa ao recém-nascido a categoria objetiva da alteridade” (SARTRE, 2017, p. 143), logo, “a necessidade de ser amado aparece desde o nascimento, antes mesmo que a criança saiba reconhecer o Outro” (SARTRE, 2017, p. 139); sem este afeto, a criança não se sente valorizada e, portanto, permanece incapaz de atribuir sentido ao mundo e à sua existência:

(...) é preciso que uma criança tenha um *mandato de viver*: os pais são os mandantes; uma dádiva de amor a convida a transpor a barreira do instante: ela é esperada no instante seguinte, ela é a amada, tudo está preparado para que seja recebida com felicidade; o futuro lhe aparece, nuvem confusa e dourada, como sua missão: “Viva para preencher-nos, para que possamos preenchê-la por nossa vez!”; mas a missão será fácil: o amor dos pais a produziu e a reproduz sem cessar, este amor a sustenta, leva-a de um momento ao seguinte, exige e espera; em suma, o amor garante o sucesso da missão (SARTRE, 2017, p. 143).

A ideia desta bela passagem do amor parental enquanto polo fornecedor de justificativa existencial da criança *et pour cause* polo da constituição da alteridade, nós a encontramos, do mesmo modo, em Winnicott:

No caso da maior parte dos bebês, o fato de serem desejados e amados pelas mães, pais e demais membros da família, fornece-lhes o contexto no qual cada criança tem a oportunidade de se tornar um indivíduo, não apenas realizando seu destino seguindo a trajetória do legado hereditário (...), mas também feliz por ser capaz de identificar-se com as outras pessoas, animais e coisas do meio ambiente, bem como a sociedade e sua perpétua auto-organização (WINNICOTT, 2002, p. 77).

À luz do amor parental como justificativa, mandato e razão de ser da criança, se nos voltarmos novamente para *L'être et le néant*³⁸, seríamos obrigado a afirmar que

³⁸ Doravante abreviado *EN*.

Sartre se afastou completamente da sua filosofia do homem como “uma paixão inútil” onde nada nem ninguém pode fornecer-lhe uma justificativa/mandato/razão a não ser ele próprio enquanto atividade soberana de produção de sentido? Sim e não: como na ontologia fenomenológica, a razão de ser, via afeto/amor, é uma, coloquemos assim, “ilusão necessária” que a criança deve possuir para que não se precipite imediatamente na *verdade da Razão*, isto é, no fato de que o homem é um ser lançado no mundo e sem nenhuma justificativa *a priori*. Graças ao amor parental, a criança é constituída positivamente (valorada) por meio de uma verdade afetiva/amorosa que deve ocultar-lhe a verdade da Razão, ou como dissemos, a verdade existencial segundo a qual os seres-humanos são sem justificativa e sem razão de ser. Nesse sentido, o filósofo não abandona a tese da paixão inútil, mas concede, todavia, que deve haver uma valorização afetiva/amorosa do recém-nascido para que, possuindo um (ilusório) mandato de ser, sua vida faça sentido e não seja vivida como um puro não-sentido:

(...) o ser do martelo e a existência do homem não têm medida comum; o martelo está aí para martelar, o homem não está “aí”, ele se lança no mundo; fonte de toda *práxis*, sua realidade profunda é a objetivação; isso quer dizer que a justificação deste “ser das lonjuras” é sempre retrospectiva: ela volta para ele do fundo do futuro e dos horizontes, sobe o curso do tempo, vai do presente ao passado, *nunca* do passado ao presente. Mas essas verdades ético-ontológicas precisam ser desveladas de modo lento: primeiro é preciso enganar-se, acreditar-se mandatário, confundir objetivo e razão na unidade do amor materno, viver uma alienação feliz e depois consumir em si essa falsa felicidade, deixas as infiltrações estrangeiras se dissolverem no movimento da negatividade, do projeto e da *práxis*, substituir a alienação pela angústia; essas operações são indispensáveis: são o que chamaria, aliás, de necessidade da liberdade (SARTRE, 2017, p. 146).

A *Verdade da Razão*, introduzida abruptamente sem a valorização oriunda da *Verdade do afeto/amor*, fará com que a criança, como Gustave, se sinta um ser inessencial e sem razão de ser. Logo, se por um lado Sartre não dispensa completamente a contingência sem sentido do homem, por outro, ele afirma, ao contrário de *EN*, que “o sentido de uma vida vem ao ser vivo através da sociedade humana que o sustenta e através dos pais que o engendram (...)” (SARTRE, 2017, p. 144). Ora, se “nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra”, a responsabilidade primeira pelo não isolamento da criança está, principalmente, na valorização afetiva e amorosa dos pais, valorização que, tendo sido negada ao pequeno Gustave, está na origem de sua sensibilidade patética e do tédio de viver,

experiência quase animalesca (retratada pela criança, por exemplo, através de Djalioh³⁹):

A experiência da monotonia universal, ele a chamará mais tarde de “tédio”: (...) mas o “puro tédio de viver” é uma pérola da cultura: parece evidente que os animais domésticos se entediam; eles são homúnculos, reflexos dolorosos de seus mestres; a cultura os penetrou, arruinando sua natureza sem substituí-la, a linguagem é sua principal frustração: eles compreendem grosseiramente sua função, mas não fazem uso dela; o que basta que sejam *falados*: fala-se com eles, fala-se deles, eles o sabem; esse poder verbal que lhes é manifestado e que lhes é recusado os perpassa, instala-se neles como o limite de seus poderes, é uma inquietante privação que esquecem, na solidão, e que os denuncia em sua natureza quando encontram os homens (...) O tédio de viver é uma consequência da opressão dos animais pelo homem; é a natureza se apreendendo enquanto fim absurdo de um processo limitativo em vez de realizar-se enquanto espontaneidade biológica. Se Gustave partilha com os animais dessa nostalgia, é porque ele também foi domesticado. O amor ensina; se ele não existe, resta o adestramento (SARTRE, 2017, pp. 147-149).

Ao fim e ao cabo, o amor parental, sobretudo, o amor materno enquanto função de constituição do vir a ser da *práxis* ativa da criança, é fundamental e fundamente para que ela possa adentrar, como mandatária de uma razão de ser (ainda que ilusória) no universo social da *práxis* e, conseqüentemente, da linguagem comunicacional. Sem uma tal verdade da afetividade/amor, Gustave não passa de uma “relva selvagem” incapaz de apreender, pela ausência de tais cuidados afetuosos, a alteridade e a linguagem em sua dimensão prática⁴⁰, pois a fala é antes de tudo uma comunicação do outro em mim a partir de mim:

Os primeiros aturdimientos não são os efeitos de um conflito natureza-cultura, mas os sintomas de uma doença interna da linguagem; a criança não valorizada não pode se exprimir a não ser em termos de valor: com efeito, aplica-se à sua realidade subjetiva denominações que remetem necessariamente à autonomia da espontaneidade, à unidade sintética da experiência, a todas as estruturas da *práxis*, isto é, ao fundamento de toda legitimação; isso seria perfeito se, no momento certo, Gustave tivesse sido colocado em estado de exercer a soberania que essas denominações exigem: os filhos amados são príncipes; preferidos, eles reinam desde a mais tenra idade; mas que uma criança seja acolhida da indiferença, é uma relva louca (SARTRE, 2017, p. 160).

Dada a importância da valorização ou, como dissemos, da Verdade da afetividade/amor no vir a ser “saudável” do indivíduo, poderíamos afirmar que “sem

³⁹ Barnes (1983, p. 35 e p. 421), afirma que Djalioh era o nome do cachorro dos Flaubert e que o cachorro de Emma Bovary se chamava Djali “e que Emma tenta acalmar sua própria infelicidade vendo em Djali alguém como ela própria e pretendendo consolá-la”.

⁴⁰ “(...) a origem é o abandono do recém-nascido; o amor exige: à criança mal-amada não se exige nada; nada vem arrancá-la da imanência” (SARTRE, 2017, p. 147).

afetividade não há ipseidade nem pessoa”: Flaubert, sem razão de ser, é refém de um si alienado e objetificado que o impede de possuir um Ego próprio; tese, mais uma vez, muita próxima daquela de Winnicott em, por exemplo, “A integração do ego no desenvolvimento da criança” (1962/2007): a criança que não é objeto dos cuidados suficientemente bons da mãe no estágio precoce antes de ter distinguido o eu do não-eu (assume-se aqui, como vimos, a tese segundo a qual o ego da mãe é fundamental na constituição do ego do lactente), pode vir a desenvolver, segundo o psicanalista, um quadro de esquizofrenia ou de autismo (imediatamente nos vem à cabeça as “fábulas do autismo” no qual Flaubert estava enclausurado):

Gustave, não valorizado, não pode em nenhum caso considerar a si mesmo como um enlace absoluto em um elo de operações coletivas. Nem visar o curso simultâneo das coisas e da sua vida pela garantia de uma proposição verbal. Provar o Ser, sim. Mas não decifrá-lo. O resultado é duplamente desastroso: a realidade própria de seu eu permanece estrangeira, ele o conhece por ouvir dizer (SARTRE, 2017, p. 166).

Finalmente, o núcleo duro da passividade de Gustave e, portanto, seus torpores e dificuldades de fala e aprendizado do alfabeto, são originalmente resultantes de uma má constituição valorativa, ou, para falar como Winnicott, de uma maternagem insuficiente. Vimos que a Genitrix, faz-se carne para alimentar, cuidar e acariciar a carne de sua carne, procedimentos que, se realizados com afeto/amor, constituem um indivíduo que, mais tarde, será capaz de participar ativamente do mundo humano da *práxis* e da linguagem. Parafraseando *EN* (e retirando a conotação sexual na qual a frase está inserida), poderíamos afirmar que a carícia materna (tanto quanto seus cuidados suficientemente bons) “não tinha por objetivo senão impregnar de consciência e de liberdade o corpo do outro” (SARTRE, 2010a, p. 435). Flaubert, sem o amor materno ou, se quisermos, sem a valorização oriunda da verdade da afetividade por meio de uma manipulação empática do recém-nascido pela mãe, fica condenado ao que Sartre chama de inércia vegetativa ou sua incapacidade de romper a imanência rumo à transcendência: “a valorização pela mãe não ocorreu e Gustave vive esta carência do Outro como se próprio fluxo sem objetivo e sem causa, isto é, como a estupefata contingência de um ser de má qualidade” (SARTRE, 2017, p. 183).

D) *As experiências subjetivas de Flaubert imaginarizadas em seus contos de juventude*

Se os cuidados da mãe ou, mais especificamente, sua maternagem insuficiente, constituíram Gustave como um agente passivo, “a sra. Flaubert está na origem desta ‘natureza’ e do mal-estar através do qual esta foi vivida” (SARTRE, 2017, p. 186), é o pai, contudo, o grande responsável por “jogar a pá de cal” na constituição passiva do filho mais novo. Para que este fato venha à tona, Sartre propõe que retornemos à análise regressiva tendo em vista as obras de juventude de Flaubert:

Se nós fizermos o caminho *inverso*, voltando de 1838 a 1835, esse estudo regressivo, interpretação sistemática do presente à luz do futuro expirado, nos revelará em Flaubert a evolução subjetiva do vivido, isto é, a percepção que ele tem de sua própria vida em seu movimento dialético de totalização. Quando a investigação for interrompida, por falta de documentos, será o momento de buscar o que o escritor *quer fazer entender*: desde os primeiros sinais, difíceis mas profundos, até as construções racionalizadas mas mais superficiais dos últimos contos, algo girou sobre si mesmo, sem cessar, e, feito uma bola de neve, uma experiência procurou cem vezes a sua expressão. O que Flaubert pensa de sua vida, o que devemos restituir, é a unidade temporalizada dessas múltiplas significações e do sentido nelas descoberto (SARTRE, 2017, pp. 187-188).

Através dos contos de juventude, Sartre quer instituir, sempre ancorado pela tese da intencionalidade do autor ou, se quisermos, pela tese segundo a qual uma obra é resultado direto do imaginário individual de um indivíduo que tateia irrefletidamente as situações de sua vida, o modo como Gustave vive sua relação com o pai-soberano e com o irmão velho tornado, desde a primeira hora, herdeiro e encarnação de Achille-Cléophas. A hipótese é a seguinte: Flaubert se representa a si próprio como o homem-primata Djalióh em *Quidquid volueris*, na personagem Mazza de *Passion et vertu* (1837), em Satã de *Rêve d'enfer* (1837), em Garcia de *La Peste en Florence* (1836) e em Giacomo de *Bibliomanie* (1836). As características existenciais do autor desveladas pela análise psicanalítica-existencial desses textos, a partir da constância de temas como o desespero passivo e a velhice e a morte, serão, à luz da constituição passiva resultante da maternagem insuficiente da mãe e, posteriormente, do abandono do pai em prol do irmão mais velho, a inferioridade, a submissão, o ressentimento passivo e a inveja contra o irmão Achille.

Se nos debruçarmos, por exemplo, em *La Peste en Florence*, veremos, sempre na ótica sartreana, todos esses temas reunidos com clareza: o conto narra, em linhas gerais, a história de dois irmãos Médici, François, o primogênito, e Garcia, o benjamim,

que se deparam com Beatricia, uma bruxa praticante da quiromancia que profetiza a François que ele, muito em breve, realizará seus objetivos, será muito feliz, mas deverá tomar cuidado com uma possível traição vinda de sua própria família: “haverá traições, sua família, você mesmo, você morrerá pela traição de um de seus próximos. Mas eu te digo, você verá em breve o êxito de teus projetos (FLAUBERT, 2016, p. 81). Quanto ao futuro de Garcia, a bruxa prediz que sua vida será consumida pelo câncer da inveja, do ressentimento e do ódio: “a espada do homicídio estará em suas mãos e você encontrará no sangue de sua vítima a expiação das humilhações de sua vida” (FLAUBERT, 2016, p. 81). Sem surpresa, o augúrio da necromante irá se realizar tal e qual: praticante do direito da primogenitura, a família Médici, sob a tutela do pai, Cosme, humilha, desde sempre, Garcia e elege François como sucessor e herdeiro da glória familiar: “era o primogênito o querido da família. Para ele todas as honras, as glórias, os títulos e as dignidades. Ao pobre Garcia, a obscuridade e o desprezo” (FLAUBERT, 2016, p. 83). François, como havia profetizado Beatricia, torna-se Cardeal e faz com que a inveja e o rancor de Garcia cresçam ainda mais: “a visão de seu irmã o irritava a tal ponto que algumas vezes, observado toda essa louca felicidade e pensando nele próprio, nele, desesperado e miserável (...), ele toca a bainha de sua espada” (FLAUBERT, 2016, p. 89). O sentimento negativo contra o irmão é tão grande que, durante uma festa dedicada à louvar as honras e glórias adquiridas por François, Garcia desmaia: “um homem desmaiava em um baco (...). Ninguém se importou com esse homem. Era Garcia” (FLAUBERT, 2016, p. 90). Enfim, consumido de ódio, rancor, inveja e ressentimento, o infeliz Garcia, humilhado, rejeitado e inferiorizado pela família, termina cumprindo a sentença divinatória da bruxa e assassina, com um golpe certo de sua espada, o próprio irmão: “e um grito lancinante partiu acima das folhagens e fez com que as corujas voassem de seu ninho” (FLAUBERT, 2016, p. 95). Cosme, ao descobrir que o filho, herdeiro honroso e glorioso, tinha sido assassinado pelo irmão, manda chamar Garcia que, vendo o corpo nu e ensanguentado de François, cai de joelhos e, ao que deixar entender a narrativa, é degolado pelo próprio pai:

Estendido sobre uma cama, o cadáver estava nu, e o sangue ainda escorria de seus ferimentos. Seu rosto estava horrivelmente contraído, seus olhos abertos e voltados para o lado de Garcia. (...) Garcia permaneceu mudo de estupor e de espanto. – Ele caiu de joelhos, frio e imóvel como o cadáver do Cardeal. Algo assoviou no ar. Ouvia-se o barulho de um corpo pesado que caía no chão e um horrível gemido, um gemido tresloucado, um gemido dos infernos ressoado sob as abóbodas (FLAUBERT, 2016, pp. 98-99).

Para Sartre, o tema do conto é claramente uma representação imaginário-estética da posição de Gustave no seio de sua família semidoméstica⁴¹ e da predileção do Dr. Flaubert por Achille:

(...) o chefe dos Médici intriga próximo do papa para obter dele que dê ao filho mais velho da família uma dignidade prestigiosa: assim fará o doutor Flaubert quando dispor os poderes públicos para dar a Achille seu cargo que não lhe pertence a não ser por hereditariedade. É desta maneira que o cirurgião-chefe pratica o direito da primogenitura e Gustave é ultrajado por essas ações virtuosas e pela predileção que elas supõem (SARTRE, 2017, pp. 314-315).

No entanto, dada a constituição passiva de Gustave, ele, mesmo no nível da vingança imaginária realizada em *Peste en Florence*, é incapaz de liquidar imediatamente François-Achille, pois, primeiro, desmaia de tanta inveja e ressentimento: “ele é muito covarde para desembainhar a espada contra seu irmão. Muito covarde? Então *é preciso* que ele desmaie” (SARTRE, 2017, p. 316). Para Sartre, o desmaio é integralmente representativo de uma conduta passiva ou mágica que, impossibilitada de agir assentada na realidade, liquida o mal-estar suprimindo o próprio agente (não estamos longe da tese do medo passivo de *ES*): na adversidade, “o corpo deste adolescente exigia que ele se deixasse levar sorratamente, que ele se abandonasse à gravidade, que ele se fizesse cadáver ou coisa inanimada”, logo, “o aniquilamento sempre proposto permanece em todo momento a sua tentação mais imediata” (SARTRE, 2017, p. 317). E mesmo quando Garcia finalmente executa seu irmão, o fato permanece apenas subentendido, pois Gustave, do alto de sua passividade, é incapaz de, mesmo imaginariamente, narrar uma ação que solicitaria dele uma conduta ativa. Além disso, quando Garcia-Gustave é obrigado por Comes-Cléophas a encarar o corpo morto de François-Achille, a única reação (passiva) do cadete da família é prostrar-se de joelhos e morrer pelas mãos do Pai, morte que segundo Sartre não faz senão reverberar seu eterno e alienante estatuto de cadete da Maison Flaubert: “Garcia permanecerá *in saecula saeculorum* um cadete” (SARTRE, 2017, p. 334). Matar o irmão e tomar seu lugar junto ao Pai-Soberano é um desejo que Gustave, mesmo imaginariamente, é incapaz de realizar, pois, desde a primeira hora, fizeram dele uma

⁴¹ “A família Flaubert era de tipo semidoméstico, estava um pouco atrasada em relação às famílias industriais que eram tratadas ou frequentadas pelo pai” (SARTRE, 1972a, p. 47).

criança pré-fabricada e mandatária, graças aos abusos da família, de um destino igualmente pré-fabricado. Passivo, cadete e tornado inferior pelo pai em comparação com o irmão mais velho, Gustave não será senão, faça o que fizer, o idiota da família, afinal, “quando os pais têm projetos, as crianças têm destino”. Parafraseando *Saint-Genet: comédien et martyr* (2010c, p. 33), poderíamos dizer que “pegaram uma criança, fizeram dela um (idiota) por razões de utilidade (familiar). Se, nesse caso, quisermos encontrar os verdadeiros culpados, devemos nos voltar para (os pais) e perguntar-lhes por qual estranha crueldade (eles) fizeram de uma criança o seu bode expiatório”. A resposta, sabemos-la: Flaubert fora o infeliz e mal-amado fruto de uma “histerese familiar”, isto é, uma família sequestrada e alienada pela ambição narcísica do *pater familias*. A mãe, subjugada às vicissitudes autoritárias do esposo-pai, jamais teria vindo em favor dos filhos e, atormentada pela própria infância, não desejava senão refazê-la para salvar a si mesma. Desse modo, *IF*, elevação ao quadrado, desdobra-se, pela análise da situação da criança Gustave no seio de sua família, em uma crítica sócio-histórica e antropológica da família:

Entrevistador: (...) por vezes, temos o sentimento que através da célula familiar de Flaubert, dos pais e particularmente da mãe, você ajusta suas próprias contas com esta família, com todas as famílias burguesas
Sartre: Um pouco com todas as famílias. Há incontestavelmente em meu livro um ataque constante contra a burguesia da época, na qual a família Flaubert é muito representativa (SARTRE, 1976, pp. 96-97).

De *Baudelaire*, passando por *Mallarmé*, *Saint-Genet*, até, finalmente, chegarmos em *IF*, veremos, apesar da individualidade de cada um desses escritores, que todos, sem exceção, foram *ontologicamente* coagidos pelos adultos, de tal modo que, se pudéssemos resumir o *leitmotiv* das biografias existenciais de Sartre, não o faríamos senão com a seguinte frase: *l'enfer, c'est les adultes*.

IV - Conclusão

Em *O idiota e o espírito objetivo*, escrito em 1976 e publicado em 1980 junto a outros textos, o filósofo e professor caxiense Gerd Alberto Bornheim é um dos primeiros, pelo menos no Brasil, a marcar o ponto de inflexão de *L'Idiot de la famille* (1971-1972) em relação ao ensaio de ontologia fenomenológica dos anos 1943, *L'être et le néant*:

O problema se concentra agora no que chama de constituição, e não pode haver palavra mais avessa a tudo o que foi defendido em *O Ser e o Nada*. Na interpretação de Flaubert – esse anti-Sartre (...) – a proto-história que se desdobra na intimidade do *Familienroman*, e que merece uma longa análise de mais de seiscentas páginas, revela-se altamente determinante, no sentido psicanalítico, do homem futuro (BORNHEIM, 1980, p. 44).

Ora, dada a ênfase e a importância que Sartre confere à constituição pré-histórica e proto-histórica de todos os indivíduos – “(...) não é o mundo que surpreende, mas a nossa presença ao mundo se nossa primeira infância não o justificou (...)” (SARTRE, 2017, p. 301) - não poderíamos assumir, como Gilbert Cohen (1976, p. 140), que isso não seria “(...) reduzir a experiência ontológica da contingência a não ser senão uma consequência da interiorização de nossa proto-história?”. Redução esta que insufla, por exemplo, o comentário de Pierre-Henri Simon (1971, n.p): Sartre “parece concluir, com o neopositivismo contemporâneo e contra a sua própria filosofia da liberdade, que mesmo um grande escritor e até mesmo sua criação, permanece o escravo de seus demônios e o prisioneiro de suas estruturas”. Derrapada tanto no determinismo tainiano do meio quanto na rigidez das estruturas do movimento estruturalista? Sartre: um “filósofo do sistema”?

Sabemos que Sartre trata a irrealização de Flaubert como uma *escolha condicionada* por sua constituição proto-histórica passiva, uma constituição que o teria remetido à vida interior, “isto é, a uma desrealização que não pode exteriorizar-se nem pelos gesto nem pela voz” (SARTRE, 2017, pp. 965-966). Na segunda parte de *IF*, acompanhar-se-á a *personalização* de Gustave como duplo movimento de interiorização e de (re)exteriorização dos condicionamentos estruturais e alienantes de seu ambiente familiar⁴², afinal de contas, “ninguém pode viver sem se fazer, isto é, sem ultrapassar rumo ao concreto o que fora feito dele” (SARTRE, 2017, p. 687). O primeiro movimento de (re)exteriorização de sua alienação familiar será querer ser ator (tema tratado na subseção A - “Être acteur”, da segunda parte, “La Personnalisation”, do primeiro tomo):

Gustave, com oito anos, *sofre sua irrealidade* como uma inapreensível falta de ser. Para compreender como sua *personalização* se manifesta inicialmente como uma integração roedora do irreal na empreitada de existir e como em seu *stress* a irrealidade figura a título de *mal* e *como meio de escapar ao mal*,

⁴² “(...) o indivíduo cósmico interioriza o cosmos e nisso ele se (re)exterioriza e se encontra na obrigação de (re)interiorizar, cedo ou tarde, as consequências objetivas desta exteriorização (isto é, sua objetivação)” (SARTRE, 2017, p. 694).

nós nos perguntaremos, voltando às conclusões da primeira parte, quais fatores o afetam inicialmente de uma irrealidade que ele se condena a produzir na medida em que ele a sofre (SARTRE, 2017, p. 705).

O querer ser ator, por parte de Gustave, não designará senão sua escolha de querer ser, a partir da escassez afetiva proveniente de seus pais, “centro permanente de desrealização. Matar e se matar conjuntamente em um furioso entusiasmo que cobre uma calma já mortuária, eis, em definitivo, o que se propõe à criança” (SARTRE, 2017, p. 1025). Após ter sido rejeitado pelo pai, Gustave, vassalo submetido ao Pai suserano, teria descoberto, “com estupor, sua irrealidade; trata-se bem, com efeito, de seu ser” (SARTRE, 2017, p. 716). Sua única maneira de sair desta irrealidade era visar a si próprio a partir dos outros: “porque ele não pode convencê-los de instituí-lo como ele gostaria de ser, se ele pudesse, ao menos, se ver com os olhos dos outros, viver, *sujeito*, o objeto que ele é para eles! Isso é alienar-se a este ser-para-outro (...)” (SARTRE, 2017, p. 719). Querendo fugir de sua irrealidade, a criança se lança inteira em seu ser-para-outro e “procura dirigir sobre si um olhar exterior” (SARTRE, 2017, p. 719); daí que haverá em Gustave uma prioridade ontológica do “ele” sobre o “mim”: “nele, a interioridade está alienada a uma exterioridade pré-fabricada, a ipseidade⁴³ ou a primeira pessoa do singular não é senão um meio de manifestar a terceira pessoa” (SARTRE, 2017, p. 803). Ator e centro permanente de irrealização, Gustave vive seu si como o outro de si, seu Eu é visado através do Ele e, por isso mesmo, parece que estamos diante do justo oposto do circuito da ipseidade “normal” tal como descrito outrora em *EN*: “(...) longe de que o Ego seja o polo personalizante de uma consciência que, sem ele, permaneceria no estado impessoal, é ao contrário a consciência em sua ipseidade fundamental que permite a aparição do Ego (...)” (SARTRE, 2010a, p. 140). Frisemos: se a ipseidade, em determinadas condições (que no caso de *EN* são da ordem da reflexão cúmplice), faz aparecer o Ego, em se tratando da *ipseidade fundamentalmente sequestrada* de Gustave, ao contrário do Ego, ela não fará senão aparecer o Ele. O que espanta, neste caso, é precisamente o seguinte: dado que a constituição do Ego, como mencionamos, é um fenômeno da ordem da reflexão cúmplice ou, como dizia Sartre em *La transcendance de l'Ego*⁴⁴, da reflexão impura, Gustave, por conta de sua *escassez afetiva*, estaria num grau ainda mais elevado de

⁴³ Lembremos que a ipseidade em *EN* é “fundamento da existência pessoal” (SARTRE, 2010a, p. 278).

⁴⁴ Doravante abreviado *TE*.

reflexão impura/cúmplice, pois, no lugar de constituir (ilusoriamente) o Ego, constitui o ele! Ora, se constituição do Ego, nos quadros de *TE/EN*, já representa uma alienação, o que dizer então de um indivíduo que constitui tal ilusão da personalização, não pelo Ego, mas pelo ele? Ademais, se o circuito da ipseidade designa a relação do para-si com o possível que ele é em correlação com o mundo, “sem mundo não há ipseidade nem pessoa; sem ipseidade e sem pessoa não há mundo” (SARTRE, 2010a, p. 141), Gustave, ipseidade alienada no ser-para-outro, não visará o mundo a não ser através do outro ou terceira pessoa; daí que ele, neste momento de sua personalização, seja um ator, isto é, interprete o outro de si: “o Eu não é frequentemente nele senão um disfarce; de fato, Gustave se alcança pela mediação dos outros (...)” (SARTRE, 2017, p. 803). Na seção V, “Naissance d’un cadet”, da primeira parte de *IF*, lê-se o seguinte acerca do Ego de Flaubert: “o que é certo, em todo caso, é o que Ego, nele, não cessa jamais de ser invisível, inapreensível, nem de figurar como o objeto de um ‘ato’ de fê” (SARTRE, 2017, p. 180). A nota que acompanha esta afirmação (nota sete) aprofunda o que acabamos de comentar: nesta referida nota, o Ego, tal como em *TE* e *EN*, continua sendo descrito como uma determinação do Psíquico⁴⁵ “que é totalmente condicionado pelos Outros, preenchido com determinações externas que podemos apreender em sua significação abstrata, mas que não podemos *ver*, pois elas só aparecem *aos outros*” (SARTRE, 2017, p. 184). Quase-objeto⁴⁶ transcendente, o Ego se nos apresenta como uma falsa representação da imanência do *ipse*, ou seja, como uma espécie de polo aglutinador de um caráter empírico/transcendente que vem do outro: “apenas os outros podem me *achar* espiritual ou vulgar, inteligente ou estúpido, aberto ou fechado etc. (...)” (SARTRE, 2017, pp. 184-185). Enquanto sou *ipseidade* ou pura e simples consciência (de) si, não me cabe senão saber que os outros me acham isso ou aquilo e compreender o sentido das palavras que me designam como desse jeito ou de outro, pois tais características, transcendentas à imanência da consciência, me escapam por essência. Se, por qualquer motivo que seja, eu venha a aceitar ou a assumir uma das

⁴⁵ Lembremos que “o psíquico tem como signo distintivo compor um erro regrado, a degradação da imanência em *quase-objeto* tratado no registro da transcendência” (COOREBYTER, 2000, p. 479).

⁴⁶ A característica quase-objetal do Ego está ligado ao fato de ele ser um *objeto transcendente psíquico* e não um objeto transcendente mundano *tout court*. Ele é transcendente em detrimento da pura imanência da consciência. Como uma análise em filigrana desta questão escaparia aos modestos objetivos da presente inquirição, tomamos a liberdade de sugerir, para um aprofundamento do tema, o primeiro capítulo de nosso livro *Fenomenologia e psicologia fenomenológica em Sartre. Arqueologia dos Conceitos*.

características que os outros me conferem, elas permanecerão em mim como significações irrealizáveis e eu apenas poderei interpretá-las, pois, apesar de recebê-las dos outros através do Ego (polo aglutinador do caráter transcendente), é minha própria ipseidade reflexiva quem o constitui: “Há uma realidade objetiva do Mim (*Moi*), mas esta objetividade psíquica é, ao menos em sua forma, o puro correlato da ipseidade reflexiva; melhor, a ipseidade o produz ao se fazer atividade sintética” (SARTRE, 2017, p. 185). Em suma, “meu” caráter vem a mim através do outro (tanto eu posso assumi-lo quanto posso negá-lo), mas não o “meu” Ego. A coisa muda totalmente em relação a Gustave, à medida que, tendo um Ego constituído por meio do outro, ele é totalmente incapaz de ratificá-lo e não pode senão representá-lo “no sentido que lhe é proposto e de maneira a confirmar suas exigências. Ele não é apenas um objeto da Psique, mas um *objeto exterior e outro* introduzido de fora na subjetividade”, logo, conclui o filósofo, “o Mim (*Moi*) de Flaubert é *alógeno*” (SARTRE, 2017, p. 185). Eis um ponto muito interessante disso tudo: o Ego, correlativo da minha ipseidade reflexiva, funciona como uma espécie de escudo em relação às designações que são lançadas contra mim pelo outro; sou capaz tanto de assumi-las quanto de negá-las porque o Ego, embora transcendente à pura imanência do *ipse*, é meu; *Eu* suporto a designação alheia:

Assim, as diferentes formas de atividade ordinariamente presentes na constituição ou na convocação do Ego permitem considerar a egologia reflexiva como um setor do Saber e da Verdade (...). De fato, a operação supõe uma constante reciprocidade: é o que permite (...) lutar contra a alienação e a mistificação (SARTRE, 2017, p. 185)

A pobre criança Gustave, tendo um *Ego como correlativo da ipseidade do outro*, não pode senão suportar e confirmar passivamente todas as designações do Outro; daí que irrealização perseguida e assumida por Gustave sob a forma do ator represente a única maneira pela qual ele, constituído passivamente pela mãe, encontra para tentar fugir da escassez afetiva do pai: dos oito ao dez anos de idade, Gustave interioriza as censuras-designações que lhe endereçam e funda sobre elas uma convicção nova: ele é o ator” (SARTRE, 2017, p. 812). Ora, esta tentativa de recuperação de si através do ser-para-outro é perfeitamente sintomática do que Sartre chama de *ação passiva* e, por conseguinte, exemplifica que um indivíduo, apesar de alienado de ponta a ponta, tenta, “com os meios disponíveis”, ultrapassar sua alienação ou fazer algo com aquilo que fizeram dele:

O desafio do pequeno Gustave é uma impotente provocação pelo fato de que ele reivindica no orgulho o que ele viveu na vergonha: você me desrealiza? Muito bem, eu serei o Senhor do Irreal; você me trata como um cabotino quando te mostro minha ternura, você ri dela? Não importa, eu serei o cômico, aquele cuja ternura e todos os bons sentimentos são maquinados de tal modo que não podem mostrar-se sem provocar o riso (...). “Você me desrealiza? Muito bem, eu serei o louco” (SARTRE, 2017, p. 885).

Eis neste excerto o que mencionávamos no parágrafo anterior: com os meios disponíveis, o indivíduo tenta ultrapassar sua alienação, ainda que tal tentativa de ultrapassagem seja realizada passivamente *na* e *pela* alienação. Agora voltando à questão que anteriormente colocávamos (Sartre: “um filósofo do sistema?”), poderíamos afirmar o seguinte: não há em Sartre nenhum tipo de estrutura ou determinismo rígido capaz de aniquilar completamente o movimento de ultrapassagem de uma *práxis* tanto quanto não havia, em se tratando das obras fenomenológicas do filósofo (*TE*, *Esquisse d'une théorie des émotions* ou *IM*), nenhum fenômeno (o Ego transcendente, as condutas emotivas mágicas ou as patologias do imaginário) capaz de dirimir a intencionalidade da consciência. No entanto, ler *IF* usando as lentes ontofenomenológicas de 1943, sobretudo quando se trata da liberdade incondicional, é incorrer naquela espécie de ilusão retrospectiva tal como constatamos no comentário de Pierre-Henri Simon: se, por um lado, não estamos mais na lógica antepredicativa de *EN*, por outro, não há derrapada brusca no determinismo puro e simples do meio ou da estrutura, uma vez que o sujeito, mesmo alienado e passivo, faz algo daquilo que fizeram dele; o social, depois da ontologia fenomenológica, é reabilitado e passa a galvanizar os possíveis do indivíduo, mas isso não significa que eles sejam concebidos como estruturas rigidamente imutáveis. Em se tratando de Gustave, um “campeão da passividade”, esse algo que ele faz daquilo que fizeram dele, ou em termos filosóficos, seu movimento de (re)exteriorização do exterior interiorizado, será sua desrealização, primeiro como ator, depois como escritor, afinal de contas, se “a passividade é seu quinhão”, ele continua sendo “um filho de homem, não é nem idiota, nem mesmo uma criança selvagem: ele é, como todos os homens, ultrapassagem, projeto; ele *pode* agir (SARTRE, 2017, p. 45). Em vista disso, poderíamos parafrasear o “Avant-Propos” que Sartre redigira para a obra de Laing e Cooper⁴⁷: a desrealização de Flaubert, tanto quanto a sua neurose, representará a “saída que o livre organismo, em sua unidade total,

⁴⁷ “A doença mental como saída que o livre organismo, em sua unidade total, inventa para poder viver uma situação inviável” (SARTRE, 1972b, p. 5).

inventa para poder viver uma situação inviável”, afinal, e agora parafraseando *L'Imaginaire*⁴⁸, o *cogito* conserva seus direitos mesmo entre os alienados & apassivados; teses reiteradas diversas vezes e não menos presente em *IF*:

(...) a neurose é uma adaptação intencional da pessoa inteira a todo o seu passado, a seu presente, às figuras visíveis de seu futuro. Pode-se também dizer que é uma maneira, para a totalidade da vida vivida e do mundo percebido (a través de uma ancoragem pessoal), de se fazer suportável (...) (SARTRE, 2017, p. 181).

Em suma, é preciso insistir no seguinte: **I)** a constituição passiva de Gustave é exceção à regra, **II)** não há nesta tese nenhum tipo de mecanicismo puro e simples, pois o *cogito* conserva seus direitos mesmo entre os apassivados; **III)** a má maternagem de Gustave é um fato *contingente* que assume a forma de uma necessidade; **IV)** Gustave é possuidor de uma liberdade, mas completamente alienada. Como dirá o filósofo em “Sur *L'Idiot de la famille*”:

De uma certa maneira, todos nós nascemos predestinados. Nós estamos fadados a um certo tipo de ação desde a origem pela situação em que se encontram a família e a sociedade em dado momento. (...) A predestinação é o que substitui em mim o determinismo (...) Isso não significa que esta predestinação não comporte nenhuma escolha, mas sabemos que, escolhendo, não realizaremos o que escolhemos: é o que chamei de necessidade da liberdade (SARTRE, 1976, pp. 98-99).

Pois bem, se nos anos 1943 podemos pensar a alienação enquanto coordenada pelos fios teóricos da má-fé, má-fé compreendida como “liberdade do para-si de se enganar (leia-se de se alienar) a si mesmo”, em *IF*, nutrida conceitualmente por *QM*, *CRD* e outros textos da mesma época, a alienação será repensada levando em consideração as restrições que o *Outro* inflige a mim, o que significa que os mecanismos da alienação passam a ser, também, transcendentais ao para-si. Contudo, essa assertiva não revoga os direitos imanentes da alienação, ou seja, sua “produção” como própria do ser do para-si, pois, como vimos, Gustave, uma vez alienado pelos Adultos, reivindica esta alienação para si e faz dela a sua escolha fundamental, n’outros termos, ele interioriza a condenação de sua família e, por sua conta, retoma-a como sua má vontade constitutiva: será de maneira passiva (enquanto síntese passiva) que Flaubert buscará suportar a condenação advinda do olhar cirúrgico e todo poderoso de

⁴⁸ Doravante abreviado *IM*. Sobre a frase, lê-se: “O *cogito* cartesiano conserva seus direitos mesmo entre os psicopatas” (SARTRE, 2010d, p. 286).

seu Pai - “o olho de Achille-Cléophas está na alma de seu filho como o olhar de Deus no túmulo de Caim” (SARTRE, 2017, p. 493) -. Doravante, o conceito de liberdade humana está preservado, mas Sartre, a partir da biografia em tela, admite

“(…) que ela pode sofrer – e que ela sempre sofre, de fato, no meio da alienação – uma alteração íntima, na medida em que não realiza o que ela gostaria de realizar. Ao homem alienado, seus fins são roubados, de modo que ele pode muito bem continuar a agir fora de todo determinismo (portanto, deste ponto de vista, ‘espontaneamente’), (...) mas os seus atos ‘exprimem espontaneamente uma essência pré-fabricada” (FLAJOLIET, 2011, p. 283).

Referências bibliográficas

ARIÈRES, Phillipe. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

BARNES, Hazel Estella. *Sartre and Flaubert*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

BORNHEIM, Gerd Alberto. *O idiota e o espírito objetivo*. São Paulo: Ed. Globo, 1980.

CHABOT, Alexis. “Sartre et le fantôme do Père”. In: *Sartre Studies International*, vol. 19, n° 2. Oxford: Berghahn Books, pp. 61-77, 2013.

COHEN, Gilbert. “De Roquentin à Flaubert”. In: *Revue de Métaphysique et de Morale*, 81^è Année, n° 1, pp. 112-141, 1976.

COMMANVILLE, Caroline. “Souvenirs intimes”. In: *Correspondance*. Première série (1830-1846). *Œuvres complètes de Gustave Flaubert*. Nouvelle édition augmentée. Paris: Louis Conard, 1926, pp. IX-XLV

CORMANN, Grégory. “L’indisable sartrien entre Merleau-Ponty et Lacan: Inventer une étrange histoire de *L'Idiot de la famille*”. In: *Recherches & Travaux*, n°71. Grenoble: Université de Grenoble, pp. 151-176, 2007.

FLAUBERT, Gustave. *Textes de jeunesse I*. Québec: Bibliothèque Électronique du Québec, 2016. (À tous les vents).

_____. *Correspondance*. Première série (1830-1846). *Œuvres complètes de Gustave Flaubert*. Nouvelle édition augmentée. Paris: Louis Conard, 1926.

FLAJOLIET, Alain. “*L'Idiot de la famille*, forme ultime de l’anthropologie existentielle?”. In: *Lectures de Sartre*. Sous la direction de Philippe Cabestan et Jean-Pierre Zarader. Paris: Ellipses, pp. 263-286, 2011.

GOLDSCHLAGER, Alain. “*L'Idiot de la famille*: une théorie du langage”. In: *Études sartriennes*, n° 2-3, *Cahiers de Sémiotique Textuelle*, n° 5-6, pp. 187-195, 1986.

Jl, Young-Rae. “La reconstruction sartrienne de la vie de Flaubert”. In: *Recherches & Travaux*, n°71. Grenoble: Université de Grenoble, pp. 49-64, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *L'Idiot de la famille. Gustave Flaubert de 1821 à 1857; Tome I*. Nouvelle édition revue et complétée. Paris: Éditions Gallimard, 2017.

_____. *L'Idiot de la famille. Gustave Flaubert de 1821 à 1857; Tome II*. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

_____. *Critique de la Raison dialectique (précédé de Questions de méthode), Tome I: Théorie des ensembles pratiques*. Paris: Gallimard, 1972a. (NRF Essais).

_____. “Avant-propos”. In: LAING, Ronald D.; COOPER, David G. *Raison et violence. Dix ans de la philosophie de Sartre (1950-1960)*. Paris: Payot, 1972b.

_____. *Situations, IX. Mélanges*. Paris: Éditions Gallimard, 1987.

_____. *Situations, X. Politique et autobiographie*. Paris: Éditions Gallimard, 1976.

_____. *La transcendance de l'ego et autres textes phénoménologiques*. Texte introduits et annotés par V. de Coorebyter, Paris: J. Vrin, 2003.

_____. *L'être et le néant – Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Éditions Gallimard, 2010a. (Tel).

_____. “Carnets de la drôle de Guerre”; in: *Les mots et autres écrits autobiographiques*. Paris: Gallimard, 2010b. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. *Saint Genet: comédien et martyr*. Paris: Éditions Gallimard, 2010c. (Tel)

_____. *L'Imaginaire*. Paris: Éditions Gallimard, 2010d. (Folio Essais).

_____. *Mallarmé. La lucidité et sa face d'ombre*. Paris: Éditions Gallimard, 2016. (Arcades).

SICARD, Michel. *La critique littéraire de Jean-Paul Sartre. Objet et thèmes*, n° 159. Paris: Lettres Modernes - Minard, 1976. (Archives des Lettres Modernes. Études de critique et d'histoire littéraire).

SIMONT, Pierre-Henri. “Flaubert disséqué par Sartre”. In: *Le Monde littéraire*, 1971. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1971/07/02/flaubert-disseque-par-sartre_2454056_1819218.html. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artemed, 2007.

_____. *The Family and Individual Development*. London, New York: Routledge Classics, 2006.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975

Recebido em: 17/01/2023 | Aprovado em: 16/07/2023